

Airton de Farias

ALEXANDRE

O CONQUISTADOR

PRAZER
DE
LER

Airton de Farias

ALEXANDRE

O CONQUISTADOR

ALEXANDRE

O CONQUISTADOR

Airton de Farias

Professor, historiador e mestre em História Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

Editor

Lécio Cordeiro

Revisão de texto

Departamento Editorial

Direção de Arte

Elto Koltz

**Projeto Gráfico, Editoração
Eletrônica e Capa**

Adriana Ribeiro

Ilustrações

Cadu Loreiro

Coordenação Editorial



Direitos reservados à

Editora Prazer de Ler Ltda.

Rua Neto Campelo Júnior, 37

CEP: 50760-330 - Mustardinha - Recife / PE

Fone: (81) 3447.1178 - Fax: (81) 3422.3638

CNPJ: 14.605.341/0001-03

Impresso no Brasil

A382f Farias, Airton de, 1973-
Alexandre, o conquistador / Airton de Farias; ilustrações:
Cadu Loureiro. – 3. ed. – Recife : Prazer de Ler, 2017.
64 p. : il.

Inclui cronologia.
Inclui bibliografia.

1. ALEXANDRE, O GRANDE, 356-323. A.C. BIOGRAFIA.
2. HISTÓRIA ANTIGA. 3. GRÉCIA ANTIGA – HISTÓRIA.
4. CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL. I. Loureiro, Cadu. II. Título.

PeR – BPE 17-27

CDU 92ALEXANDRE, O.
CDD 920

ISBN: 978-85-8168-500-7

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

As palavras destacadas de amarelo ao longo do livro
sofreram modificações com o novo Acordo Ortográfico.

APRESENTAÇÃO

O garoto tinha apenas 12 anos de idade e acompanhou o pai quando da compra de alguns cavalos. A eles foram mostrados vários animais, belos, velozes e poderosos. Um cavalo, porém, mereceu atenção especial. Era um corcel negro, alto e lindo, uma verdadeira montanha de músculos. O pai ficou abismado com o animal, uma montaria digna de um rei. Os olhos do menino brilhavam ante a imponência do cavalo — queria-o para si!

Mas que frustração! O menino e o pai, porém, não contavam com um problema: ninguém conseguia montar ou domar o selvagem animal. Todos que tentaram acabaram no chão, tal a fúria do bicho! Decepcionado, o pai já ia se retirando quando o filho disse que seria capaz de dominar aquela “fera”. O pai, com um sorriso desafiador, convidou o garoto a domar o cavalo — se o fizesse, o cavalo seria seu, de presente. O garoto há muito sabia montar, mas, para controlar um cavalo daquele tamanho, seria preciso não só habilidade, mas força, inteligência e astúcia. Com uma estratégia incomum, que veremos adiante, o menino puxou a cabeça do cavalo pelas rédeas e o dominou. Todos ficaram paralisados, espantados. O pai, orgulhoso e emocionado, percebeu que a Macedônia seria muito pequena para ele.

Alexandre sempre gostava de contar essa façanha aos amigos, como domou seu famoso cavalo Bucéfalo e encantou ao pai, Filipe II, rei da Macedônia. Se a história é verdadeira, ninguém sabe, mas Filipe fez uma previsão das mais acertadas. Um pouco mais de duas décadas depois, com apenas 33 anos, Alexandre conquistaria, com o uso de armas e astúcia, um território gigantesco, que ia do Egito ao que hoje corresponde ao território da Índia. Nunca perdeu uma única batalha. Não foi por acaso que Alexandre ficou conhecido como “o Grande”.

Alexandre é considerado um dos maiores gênios militares da História. Um homem carismático, capaz de cativar multidões e soldados, de encantar e despertar forte admiração, de tomar decisões das mais ousadas, mas também de cometer erros, ser vaidoso e sanguinário. É essa figura carismática e polêmica que conheceremos melhor nas páginas a seguir.

Airton de Farias



SUMÁRIO



CAPÍTULO

1

O filho de Zeus 07

Trinta anos de Guerra do Peloponeso 09

As falanges macedônias 12



CAPÍTULO

2

Talhado para a conquista 15



CAPÍTULO

3

Uma trajetória de glórias 19



CAPÍTULO

4

A morte de Alexandre e o nascimento do mito 33

As sete maravilhas do mundo antigo 36



CAPÍTULO

5

O período helenístico 43



CAPÍTULO

6

Alexandria 51

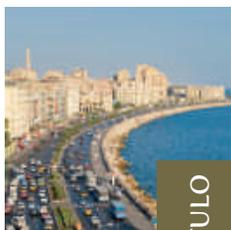
A arquitetura de Alexandria 52

A vida em Alexandria 54

O Porto de Alexandria 55

Farol de Alexandria 55

A Biblioteca 56



CAPÍTULO

7

Alexandre no cinema 57

Cronologia 62



Estátua de Bronze de Apollo em Pompeia, Itália

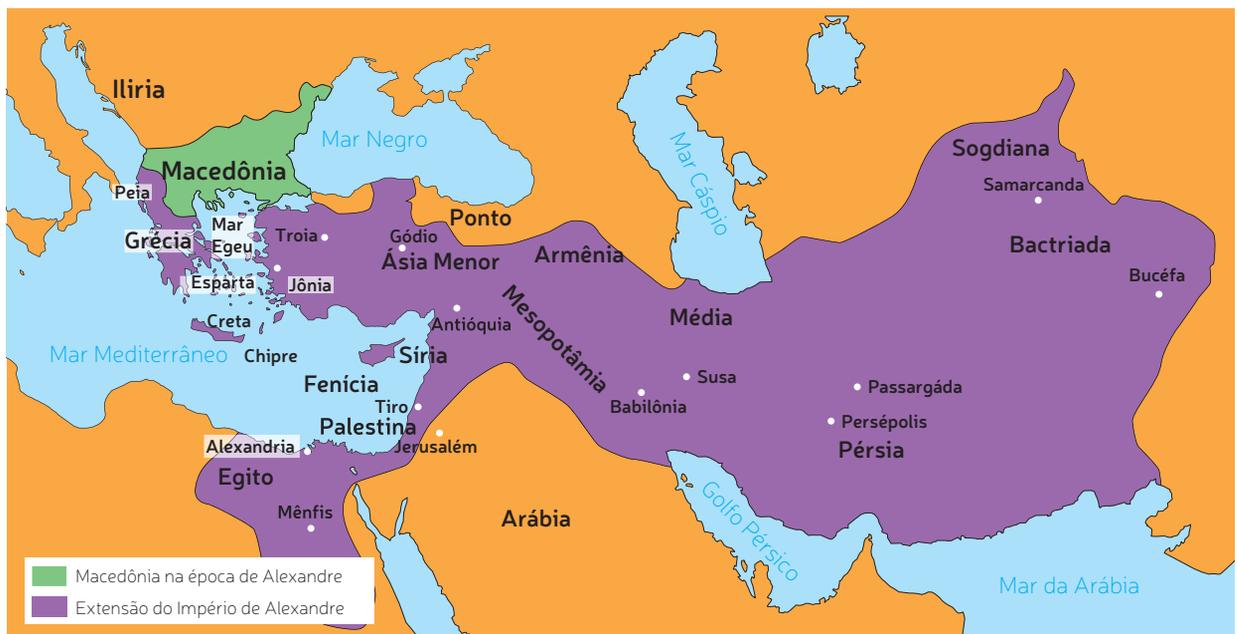




Logo depois da vitória sobre Potídea, na Boécia, o ambicioso Rei Filipe II da Macedônia, considerado descendente direto do legendário Hércules, recebeu três mensagens ao mesmo tempo, todas vitoriosas. Seu general Parmênio vencera os ilirianos, povo cujas ações arrasavam a Macedônia, seus cavalos foram brilhantes nos Jogos Olímpicos e, por fim, sua mulher Olímpia, descendente de Aquiles, acabara de dar à luz um menino. Era o nascimento de um homem que, anos mais tarde, haveria de se tornar um mito.

No livro *A vida dos homens ilustres*, o filósofo e prosador grego Plutarco escreveu que os adivinhos previram a vida do bebê. Como nasceu num momento importante, com três vitórias juntas, no futuro ele seria invencível. Por isso recebeu o nome de Alexandre, que pode ser traduzido como “o vencedor de heróis”.

O império de Alexandre



A partir da Macedônia, Alexandre e seus exércitos formaram um dos maiores impérios da História.



Segundo a mitologia, a educação de Aquiles foi confiada a Quiron, um centauro.

Na mitologia grega, **Aquiles** fora um dos participantes da Guerra de **Troia**. Guerreiro tido como o mais belo e valente dos heróis, era invulnerável em todo o corpo, exceto no calcanhar. A mãe de Aquiles, Tétis, teria tentado transformá-lo em imortal e invencível ao mergulhá-lo ainda bebê (segurando-o pelo tornozelo) no Rio Estinge. Com isso, desejava contrariar as palavras de um oráculo que previra a morte de seu filho na Guerra de Troia. A profecia acabou se concretizando. Durante uma batalha, Aquiles foi atingido por uma flecha no calcanhar, que não havia sido banhado no rio por sua mãe. Assim surgiu a expressão popular *calcanhar de Aquiles*, que indica o ponto franco de alguém.

Alexandre nasceu no ano de 356 a.C., em Pela, antiga capital da Macedônia, região situada na Península Balcânica, ao norte da atual Grécia. Seu pai havia assumido o poder três anos antes, unindo as várias tribos da área.

A Macedônia, na época, era um reino montanhoso coberto de bosques, com a população vivendo em tribos, tendo uma economia baseada no cultivo da terra e na criação de gado. Apesar do pouco contato com seus



Iukovic photography | Shutterstock



Campos na Macedônia.

“primos” gregos, os macedônios apresentavam uma cultura similar: tinham a mesma religião politeísta (crença em Zeus, Hércules, Asclépios, etc.), os mesmos hábitos alimentares, costumes semelhantes, quase a mesma língua, etc. — algo parecido hoje, por exemplo, com as semelhanças entre portugueses e brasileiros. Por muito tempo, os gregos não se importaram com os macedônios, tidos como camponeses grosseiros que comiam e bebiam demais.



Pavel Bernshiam | Shutterstock



Na imagem, vemos as ruínas de um templo grego, dedicado a Apolo, na atual Turquia, local onde gregos e macedônios praticavam sua religião.

Trinta anos de Guerra do Peloponeso

A Grécia Antiga não apresentava uma unidade política, estando dividida em várias pólis, ou seja, em cidades-Estado, algo parecido com os atuais municípios brasileiros,

com uma zona rural e um centro urbano. Porém, as pólis eram independentes uma das outras, cada uma com seu próprio governo e suas próprias leis.



Pólis militarista, Esparta venceu a Guerra do Peloponeso e passou a dominar a Grécia.

A Guerra do Peloponeso



Não raras vezes, as cidades-Estado entravam em guerra. Uma dessas foi a **Guerra do Peloponeso**, que durou quase 30 anos, travada entre as duas mais poderosas pólis gregas – Atenas e Esparta –, que disputaram a hegemonia política e econômica da região. O confronto se iniciou em 431 a.C. e terminou somente em 404 a.C., com Atenas derrotada. Com isso, Esparta passou a dominar a Grécia.

A hegemonia espartana, porém, durou pouco. O custo da vitória foi elevado. Esparta era um gigante cambaleante e

enfraquecido. Para manter o domínio sobre a Grécia, ela tinha de usar a força militar, e isso lhe desgastava ainda mais. Rapidamente, várias cidades-Estado passaram a se revoltar contra o brutal domínio espartano. Os vizinhos e inimigos Persas mais uma vez se aventuraram a dominar as colônias gregas na Ásia Menor. Por fim, em 362 a.C., Tebas derrotou Esparta e assumiu a condição de pólis mais importante da Grécia.

O domínio de Tebas, contudo, era fraco. Em pouco tempo, teve contra si outras cidades-Estado. Na realidade, todas essas lutas foram corretamente chamadas de *suicídio grego*, pois os gregos, ao se confrontarem, acabaram se desgastando e se enfraquecendo, abrindo espaço para que um inimigo externo, bem mais poderoso, dominasse a Grécia em 338 a.C. – este inimigo era a Macedônia, de Filipe.



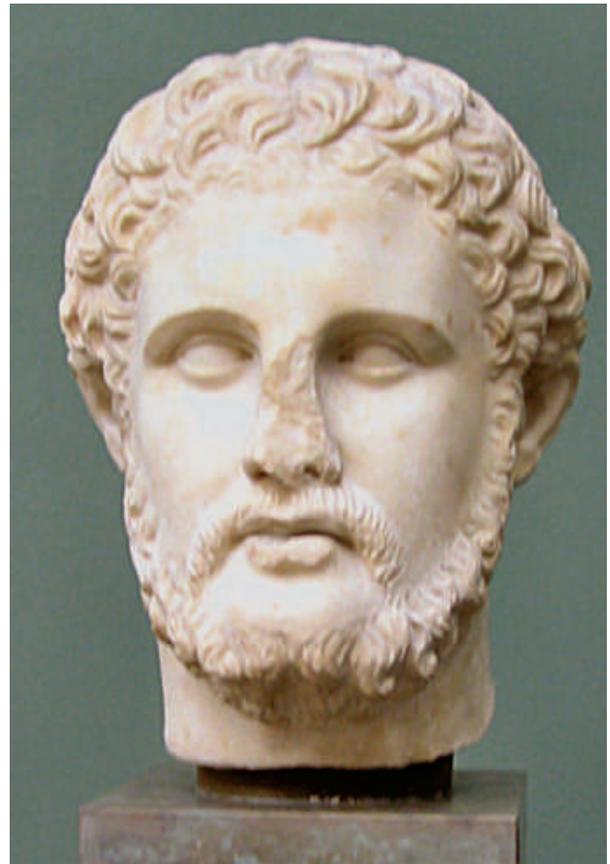
Trirreme grego

Alexandre nasceu numa época conturbada. Havia mais de um século que o Mediterrâneo Oriental era palco de sangrentos duelos entre as cidades-Estado da Grécia e o enorme Império Persa. Até ali, os gregos haviam triunfado, mas as poderosas e independentes pólis, divididas por rivalidades seculares, enfraqueciam-se ainda mais à medida que lutavam entre si. Enquanto isso, o Império Persa se recuperava das antigas derrotas e preparava novos ataques.

No ano de 359 a.C., Filipe II tornou-se rei da Macedônia com 25 anos, depois de um golpe de estado no qual “tomou” a coroa do sobrinho. Filipe havia passado três anos como refém na pólis grega de Tebas, tempo que utilizou para aprender diversas táticas e técnicas militares e observar as violentas batalhas entre as cidades-Estado gregas. Como rei, pôs em prática todo seu aprendizado adquirido durante o período de encarceramento, organizando um exército poderoso e bem treinado. A Macedônia era rica em ouro e prata, o que foi importante para financiar a formação das tropas. O sucesso das estratégias de lutas introduzidas por Filipe no exército macedônio originou as famosas *falanges macedônias*.



Reprodução



Reprodução



Filipe II, pai de Alexandre, tornou a Macedônia uma potência militar.

Incentivado pelas elites macedônias — sedentas por terras e riquezas — e vendo a fragilidade dos vizinhos gregos, Filipe aproveitou a chance para conquistar os “primos” (à exceção de Esparta). Os gregos resistiram, mas acabaram subjugados pelos macedônios anos mais tarde, quando Filipe II, apoiado por Alexandre e outros generais, acabaram com a divisão da Grécia em cidades-Estado independentes em 338 a.C., na **Batalha de Queroneia**.



Ilustração de autor desconhecido do Leão de Queroneia, erigido pelos tebanos em homenagem aos mortos da Batalha de Queroneia.

As falanges macedônias

No exército macedônio, a cavalaria era toda formada por membros da nobreza (as elites econômicas), enquanto a infantaria (soldados que lutavam a pé) era composta de homens livres pobres. Imperava uma rígida disciplina, e os soldados que se recusassem a obedecer aos oficiais geralmente eram mortos.

Filipe era um estrategista brilhante: transformou o exército do país numa verdadeira máquina de guerra. A grande inovação do exército macedônio foi o uso combinado de diferentes tipos de armas e táticas. Uma dessas novas táticas eram as falanges macedônias. A tática consistia em armar de oito

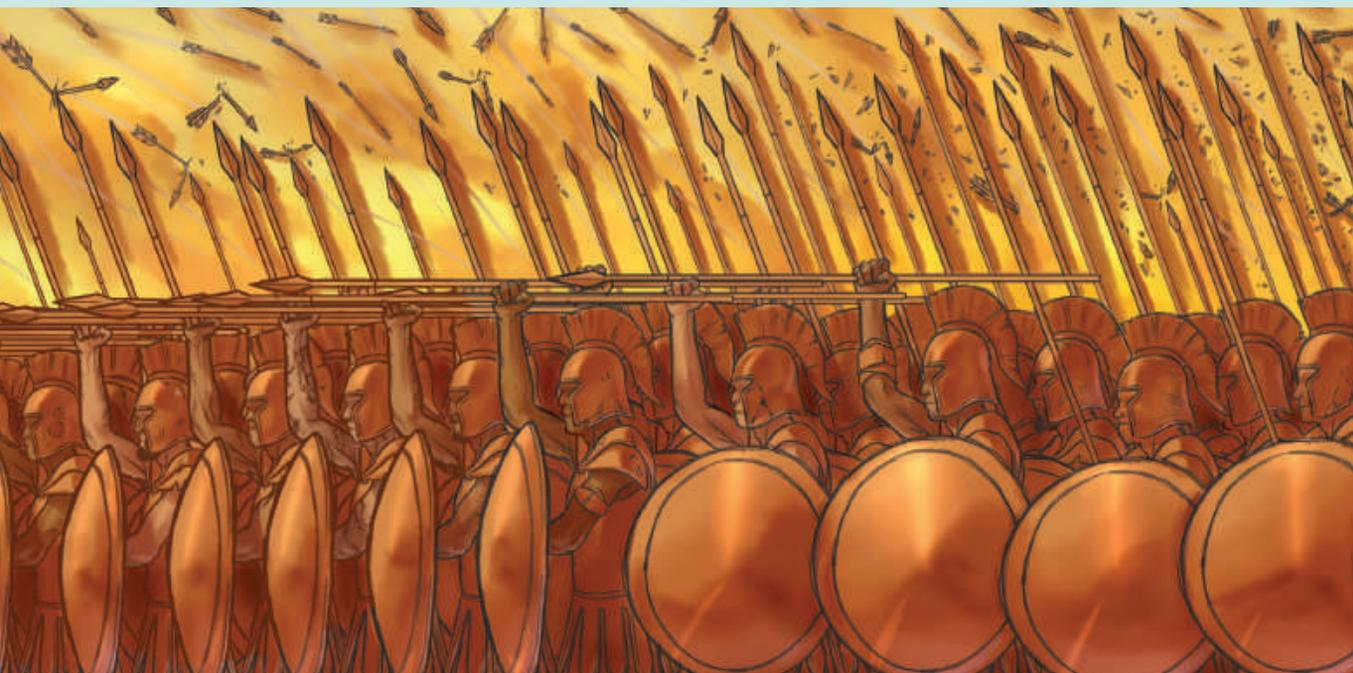
a dezesseis colunas de infantaria, com os soldados portando um escudo na mão esquerda e uma longa lança na mão direita, a sarissa, de aproximadamente 5 metros. As fileiras da frente tinham as lanças apontadas para frente, enquanto as fileiras de trás apontavam para o alto (para que as lanças fossem usadas posteriormente na linha de frente, bem como para servir de escudo contra as flechas lançadas pelos adversários). Os homens, assim, avançavam em blocos maciços, verdadeiros paredões humanos, para desespero dos inimigos. Ao mesmo tempo, soldados sem lanças deslocavam-se pelas laterais das falanges, atirando flechas com fogo.



Entre as falanges, poderiam ser levadas catapultas (uma invenção dos gregos), as quais atiravam pedras de até 200 quilos (numa distância superior a 400 metros) para abrir espaço no exército opositor (apesar de a pontaria não ser das melhores). Quando os soldados adversários recuavam, os macedônios os atacavam.

Quando se deslocavam, os soldados carregavam suas pesadas armas por milhares de quilômetros. Nas batalhas, os oficiais portavam armaduras feitas de metal e couro e um escudo de metal de cerca de 70 centímetros de altura. Os soldados pobres, contudo, não portavam armadura e só usavam arco-e-flecha, sendo um alvo fácil nos combates corpo a corpo.

Outra invenção introduzida por Filipe II foi o aumento das sarissas. Antes, na falange clássica dos hoplitas, como as lanças eram menores, o combate corpo a corpo era mais aproximado. Os hoplitas, então, partiam para cima de seus inimigos protegidos por grandes escudos e tentavam atingi-los de perto com a lança segurada na mão direita, na altura do ombro. A organização era simples: os guerreiros se agrupavam lado a lado tentando garantir que o próprio escudo protegesse o companheiro à esquerda. Dessa forma, os hoplitas podiam ser destruídos mais facilmente que a infantaria pesada



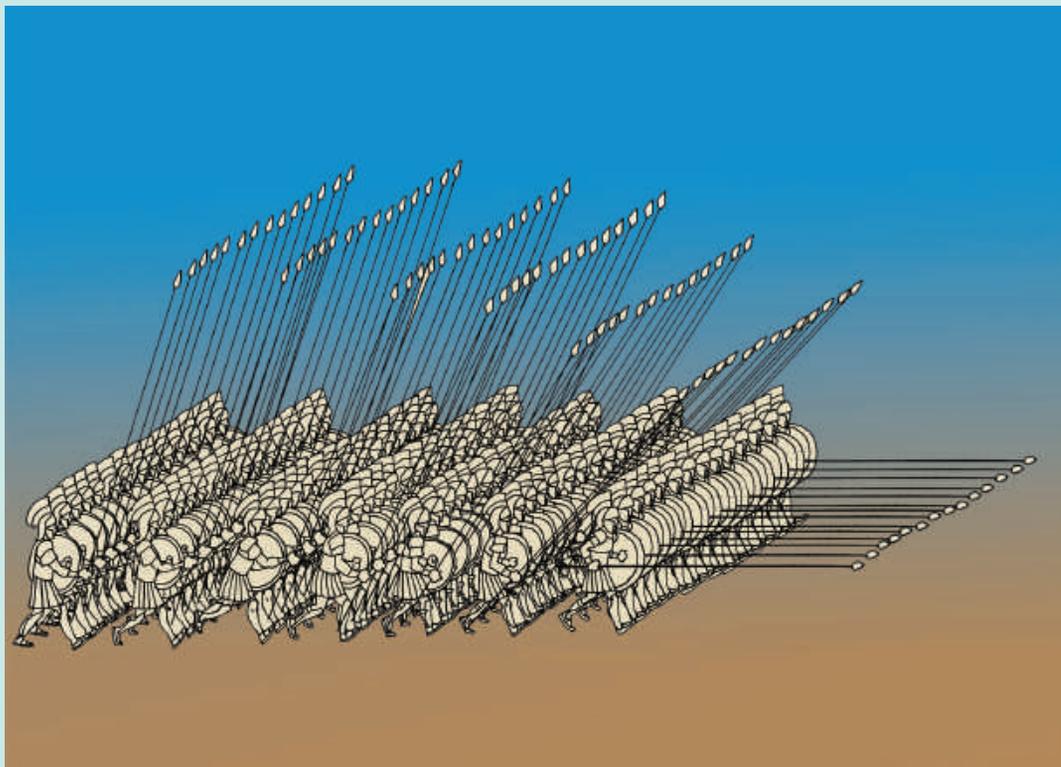
A falange macedônia era uma verdadeira máquina de guerra.

da formação macedônia. A formação da falange hoplita também apresentava outro problema grave: durante o combate, como cada homem procurava se proteger atrás do escudo conduzido pelo companheiro da direita, a falange normalmente acabava se desviando nessa direção.

Daí a importância da inovação introduzida por Filipe II. As longas sarissas possibilitavam mais segurança, pois mantinham os inimigos mais distantes no corpo a corpo, o que acarretou a diminuição do diâmetro do escudo e a **consequente** redu-

ção da carga dos soldados. Além disso, com cada um protegendo a si mesmo com o próprio escudo, o ferimento de um dos homens não significava problema para a manutenção da falange. Não há dúvida de que toda a técnica para a composição das falanges foi um verdadeiro trunfo para os macedônios, o que possibilitou que estabelecessem seu domínio na Grécia e a consequente expansão para o Oriente.

Mais tarde, a experiência grega de formações rígidas de infantaria serviu de base para a estruturação militar dos romanos.



Representação de movimentação de uma falange macedônia.



Alexandre montado em seu cavalo Bucéfalo. Aqui representado em mármore na Batalha de Gaugamela.

Em seus primeiros anos, Alexandre foi descrito por Plutarco como um jovem veemente, destemido, com sede de glória e honra. Sua ansiedade era tanta que, ainda criança, ele já tinha uma grande preocupação: “Meu pai tomará tudo e não me deixará nada de belo nem de magnífico para realizar e para conquistar” (Plutarco). Ele cresceu entre soldados, ouvindo os relatos de guerras, vitórias e do heroísmo do pai, o que provavelmente o influenciou no seu sonho de ser um grande conquistador. Na

época, não havia honra maior para os homens que a glória da guerra. Com apenas cinco anos, Alexandre já era exímio cavaleiro. Aos 10 anos, já acompanhava o pai em algumas campanhas militares e, aos 16, tornou-se general. Em pouco tempo se transformou num ídolo dos soldados exatamente por sua invejável coragem.

Entretanto, por incrível que pareça, Alexandre ignorava os concursos atléticos. Para ele, aprimorar seu espírito com poesia, música,

filosofia, tragédia era muito mais importante que vencer lutas e combates inúteis. Conta-se que, certa vez, ele afirmou que preferiria superar os outros em conhecimentos que em poder político. Para se ter uma **ideia**, como apresentava excelente desempenho na corrida a pé, os cortesãos sugeriram que ele participasse dos Jogos Olímpicos. Alexandre concordou, mas impôs uma condição: todos os outros corredores deveriam ser reis. Seria uma forma de mostrar que, mesmo naquelas competições inúteis, poderia vencê-los.

Um dia, os embaixadores do rei foram à Pela encontrar-se com Filipe. Alexandre os recebeu antes de encaminhá-los para o pai. Apesar de na ocasião contar apenas 10 anos, o jovem príncipe discutiu com eles inúmeras

questões sobre a Pérsia, sua topografia e seus costumes. O encontro foi suficiente para que os embaixadores se dessem conta de que estavam diante do futuro rei.

Ao mesmo tempo em que exercitava seu corpo, Alexandre recebeu uma sólida educação formal. Filipe tinha a convicção de que um rei deveria governar não apenas com a força, mas também com a inteligência. Os mestres mais eminentes cuidavam de sua educação. Os melhores preceptores eram escolhidos e dirigidos por Leônidas, um parente de Olímpia, para zelar por sua formação intelectual, moral e física. Alexandre se mostrava impecável em tudo que fazia, acostumando-se a se alimentar bem desde cedo. Foi por essa época que conheceu Heféstion, o grande amigo que haveria



Alexandre e seu grande amigo Heféstion, que também foi educado por Aristóteles. Quadro de Louis Jean Lagrenée (detalhe).

de segui-lo em suas conquistas pela Ásia até que a morte os separasse.

Filipe passou a apostar no filho — que menosprezava as competições esportivas em benefício do conhecimento — depois de um episódio interessante. Alexandre tinha 12 anos quando acompanhou o pai na compra de alguns cavalos a um nobre da Tessália, região famosa por suas estrebarias. Entre os cavalos oferecidos pelo nobre, havia um corcel negro fabuloso. Embora admirado com aquele animal formidável, Filipe preferiu não comprá-lo: o preço era alto demais para um cavalo extremamente indócil. Os escudeiros sequer conseguiam segurá-lo. Alexandre, entretanto, explicou que o cavalo não era indomável; os escudeiros não conseguiram montá-lo porque não tinham habilidade nem audácia para isso. O pai, então, o desafiou: se ele conseguisse realizar tal façanha, receberia o cavalo de presente. Alexandre aceitou. Aproximou-se dele calmamente e puxou-lhe as rédeas em direção ao sol. O cavalo avançou alguns passos, mas ele conseguiu montá-lo sem maiores esforços. Filipe se espantou:

— Como você conseguiu?

— Não foi difícil — disse Alexandre. — Vi que ele tinha medo de sua própria sombra. Por isso, quanto mais ele se agitava, mais medo sentia.

Mais que a habilidade, sua inteligência impressionou seu pai. Filipe pagou o preço do cavalo, deu-o ao filho e exclamou:

— Alexandre, temos que encontrar um reino que seja digno de ti, pois a Macedônia não conseguirá te segurar.

O menino ficou muito satisfeito com o pre-

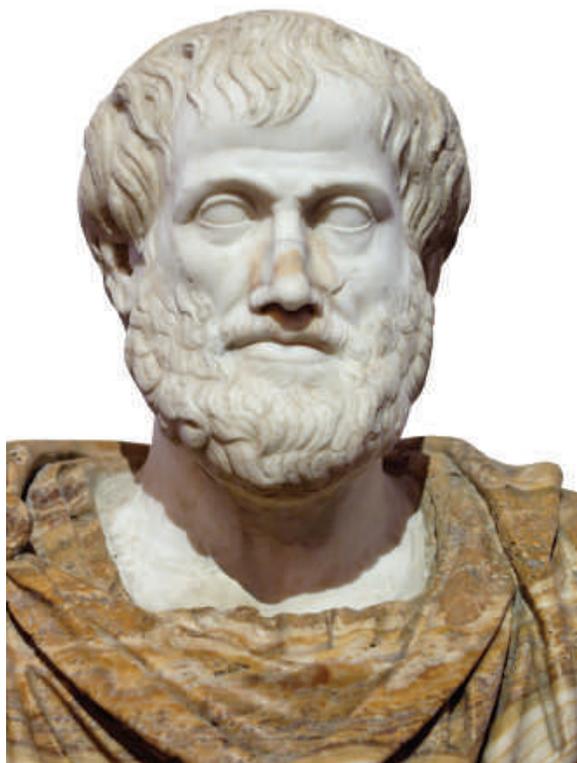


Representação de Alexandre e o cavalo Bucéfalo. Ilustração do final do século XIX.

sente, ao qual deu o nome de Bucéfalo (*cabeça de boi*, em grego). Ele não sabia, mas acabara de montar o cavalo que haveria de leva-lo alguns anos depois até os confins da Ásia em busca de seu sonho de honra e glórias.

Filipe, então, mandou trazer ninguém menos que o grande filósofo grego **Aristóteles** para ser professor do filho (em troca, Filipe iria reconstruir a cidade natal do filósofo, Estagira, devastada pelos macedônios quando da conquista da Grécia). O menino passou dois anos convivendo quase que em tempo integral com Aristóteles, tomando contato com diversos ramos do conhecimento, como filosofia, política e ciências, além de história e poesia. Alexandre chegou a decorar longos trechos da *Iliada* (famosa obra de Homero sobre a Guerra de **Troia**).

Em 340 a.C., já com 16 anos e com a patente de general, Alexandre assumiu o poder temporariamente, pois seu pai estava afastado, envolvido em mais uma batalha. Em 338 a.C., comandou a ala esquerda do exército na Batalha de **Queroneia**, contra Tebas e Atenas. Daí em diante, a Macedônia passou a dominar a Grécia. Faltava agora conquistar as cidades da costa oriental do Mar Egeu. Seria a próxima investida de Filipe. Depois de unir todas as cidades-Estado gregas sob seu domínio, ele desejou conquistar a Pérsia (que corresponde mais ou menos ao atual Irã) e, assim, controlar o Mediterrâneo Oriental e o rico comércio com a Ásia. Quando se preparava para invadir a Pérsia, Filipe foi assassinado pelo nobre macedônio Pausânias em 336 a.C. Quem mandara acabar com a vida do rei? Alguns falaram que foram os persas (o próximo alvo), pois matar Filipe seria uma maneira de desorganizar os macedônios. Outros disseram que quem mandara assassinar Filipe fora o próprio Alexandre, pois, por motivos políticos, o rei certamente nomearia outro filho como herdeiro do trono, o fraco de espírito Arideu.



Alexandre teve, entre seus professores, o respeitado filósofo grego Aristóteles, um dos maiores pensadores de todos os tempos.

Vale dizer que, apesar do fato de Aristóteles ter sido seu professor, a educação dada a Alexandre foi praticamente a mesma dada a outros garotos da elite com sua idade. Filipe tinha um ambicioso plano educacional na intenção de elevar o nível intelectual dos macedônios e preparar uma nova geração de jovens com capacidade para administrar a nova potência militar que surgia.

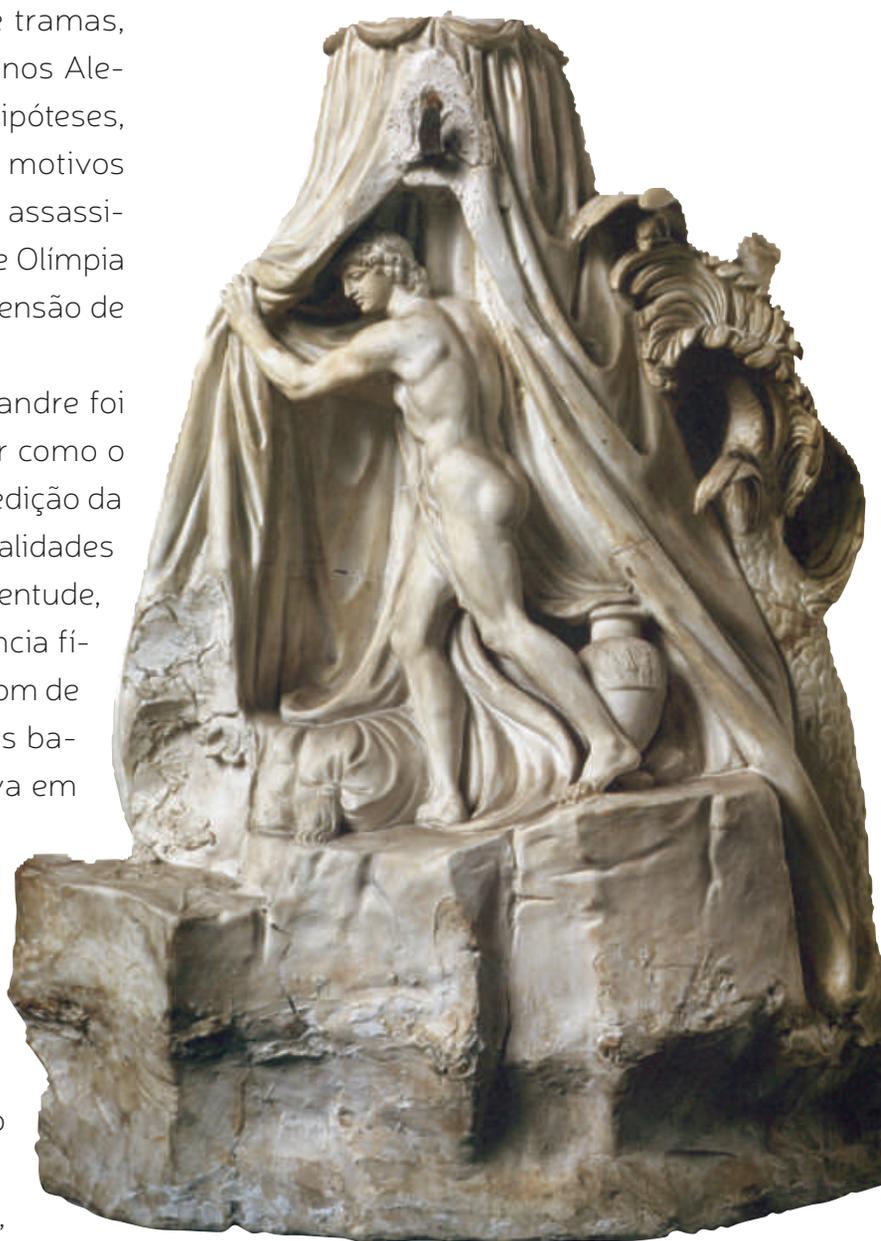


Em desenho de Andre Castaigne, vemos a representação do assassinato de Filipe II.



Depois de uma infinidade de tramas, traições e assassinatos, aos 20 anos Alexandre assumiu o poder. Várias hipóteses, como vimos, tentam explicar os motivos que levaram o nobre Pausânias a assassinar Filipe II. Outra delas é a de que Olímpia articulou um plano visando à ascensão de Alexandre ao poder.

Para aparecer como rei, Alexandre foi a Corinto, onde se fez reconhecer como o chefe da liga encarregada da expedição da Ásia. Ele reunia em si todas as qualidades necessárias para ser um herói: juventude, beleza, coragem, audácia, resistência física, competências militares e o dom de cativar todos os soldados para as batalhas. O que mais impressionava em Alexandre era a intensa dualidade: era um homem fino, generoso, culto, mas com gênio indomável e violento em momentos de fúria. Poderia tirar a vida de qualquer um por um simples motivo. Foi o que fez até com amigos, como Clitos, que caçou dele durante um banquete. Em outra ocasião, Alexandre mandou crucificar o médico que não conseguiu reanimar um amigo. Mas logo que voltava ao sangue-frio, ele se arrependia dos excessos.



Representação da tenda de Alexandre feita pelo escultor italiano Filippo Taglionini.



Casamento de Filipe da Macedônia com Olímpia. Miniatura do séc. XV.

Não fosse o nascimento de Alexandre, o casamento de Olímpia e Filipe não seria bem-sucedido. Com o tempo, passaram a nutrir ódio mútuo. Filipe não gostava dos hábitos “bárbaros” da esposa — era adoradora do deus Dionísio, praticava cultos místicos e tinha um caráter violento e obscuro. Ela, por sua vez, se irritava com o fato de o marido ter outras esposas e filhos.

Olímpia ficou ameaçada de perder sua influência quando o rei decidiu se casar mais uma vez, agora com uma jovem macedônia sem origem nobre, a bela **Cleópatra** (que não tinha nada a ver com a Cleópatra do Egito). Cleópatra vivia sob a tutela de **Átalo**, o homem forte e de confiança do rei convidado para comandar a infantaria macedônia que em breve invadiria a Ásia. O casamento (337 a.C.) foi um divisor de águas: gerou o rompimento entre o rei e a rainha e, sobretudo, entre Filipe e Alexandre, que apoiou a mãe.

O Império Persa foi fundado no século VI a.C., por outro grande guerreiro da Antigui-

dade, **Ciro, o Grande**. **Ciro** inovou no modo de governar. Uma particularidade de seu governo e dos persas foi a **tolerância cultural** para com os vencidos. Os povos conquistados poderiam manter seus costumes, línguas, etc., desde que, lógico, reconhecessem a autoridade de **Ciro**, pagassem (pesados) impostos ao governo e trabalhassem para o Estado ou participassem do exército. O auge persa **deu-se** com Dario I, que governou de 521 a.C. a 486 a.C. e expandiu as fronteiras do império do Deserto do Saara (Norte da África) ao Rio Indo (Índia).

Foi na Pérsia que se desenvolveu o **zoroastrismo**, religião baseada nos ensinamentos do profeta Zoroastro. As pessoas acreditavam que havia um deus do bem, Mazda, que só fazia coisas boas (era o “espírito da luz”), e um deus do mal, Arimã, responsável por tudo de ruim no mundo (“espírito das trevas”). Essas duas divindades estavam em luta constante, cabendo aos homens escolher se queriam o bem ou o mal (a essa liberdade de escolha chamamos **livre arbítrio**). Aqueles que escolhessem Mazda, isto é, fossem honestos e bons, teriam direito a uma vida pós-morte, indo para um paraíso. Os ruins, por sua vez, iriam para o inferno, que não era eterno: o sujeito “pagava” seus pecados e iria a seguir para o paraíso igualmente.

O zoroastrismo influenciou bastante o judaísmo, que, por sua vez, influenciou tanto o cristianismo quanto o islamismo.



Quadro de Pierre-Henri de Valenciennes. Alexandre visita o túmulo de Ciro.

Logo que se tornou imperador, Alexandre teve de enfrentar várias rebeliões nas cidades gregas que questionavam a morte de Filipe e desejavam readquirir a independência. Tebas, por exemplo, foi arrasada. O novo imperador mandou devastá-la e vendeu 30 mil tebanos como escravos. Com a situação sob controle, ele retomou o último plano de seu pai: faltava libertar as cidades gregas da Ásia Menor dominadas por Dario III, o rei da Pérsia. A Pérsia controlava um grande império e inúmeros povos — suas fronteiras abarcavam a Lídia (atual oeste da Turquia e Síria), o Egito e a Babilônia (Iraque). A riqueza e os tesouros dos reis persas, as terras férteis e as rotas comerciais despertavam o interesse do rei macedônio.

Em 334 a.C., durante a primavera, Alexandre passou o poder a um de seus tenentes, atravessou o Helesponto (hoje Estreito de

Dardanelos) e invadiu o império persa com 30 mil soldados de infantaria e 4.500 cavaleiros. O desembarque foi feito onde se erguia **Troia**. Lá o jovem líder presta homenagem a Aquiles, ascendente de sua mãe de quem anseia sempre imitar a bravura. De fato, o desembarque em si já representava um verdadeiro feito. Ele conseguiu atingir as “fronteiras do mundo”, ou seja, todo o mundo conhecido pelos antigos.

Na Ásia Menor, Alexandre comanda seus homens numa incursão assombrosa, enfrentando o exército persa pela primeira vez perto do Rio Granico, em 334 a.C., quando enfrentou 50 mil persas. Ele obteve várias vitórias contra o exército inimigo e seguiu conquistando sistematicamente todas as cidades do litoral mediterrâneo. Vale lembrar que boa parte das tropas persas era composta de homens recrutados à força para lutar.

Na Guerra de **Troia**, segundo a *Iliada*, do poeta Homero, gregos (espartanos) e troianos entraram em confronto devido ao rapto da princesa Helena de Esparta (esposa do Rei Menelau), por Páris (filho do Rei Priamo, de Troia). Isso ocorreu quando o príncipe troiano, em missão diplomática, foi a Esparta e apaixonou-se por Helena. O rapto deixou Menelau furioso, a ponto de organizar um poderoso exército para libertá-la. O general Agamenon foi, então, designado para comandar o ataque a Troia. Pelo Mar Egeu, mais de mil navios foram enviados contra os troianos.

A guerra teria durado 10 anos, sendo encerrada com um engenhoso plano do guerreiro grego Odisseu. Os troianos foram presenteados com um grande cavalo de madeira — segundo os gregos, aquele presente significava uma proposta de paz.

Os troianos aceitaram o “presente gre-

Troia



A localização de Troia era estratégica, daí a guerra com os gregos.



Segundo a *Iliada*, os gregos venceram a Guerra de Troia usando a artimanha de presentear os troianos com um cavalo de madeira (cheio de soldados!).

go” (daí a expressão famosa) e passaram a noite celebrando o eventual triunfo. Estavam dormindo exaustos quando se abriram portas no cavalo de madeira e saíram centenas de soldados gregos, que destruíram Troia completamente.

A Guerra de Troia, ao que parece, ocorreu mesmo. A razão do confronto, porém, não foi o **sequestro** da bela Helena. A guerra não passou de uma disputa para controlar a produção e o comércio de trigo do litoral do Mar Negro. Veja no mapa que Troia estava situada estrategicamente na entrada do atual Estreito de Dardanelos, canal que separa a Grécia da Turquia e liga o Mar Egeu ao Mar Negro. O litoral do Mar Negro apresentava terras muito férteis e com grande produção de trigo, que interessavam aos gregos. Quem desejasse controlar essa rota comercial teria que dominar Troia, daí a guerra.

Na cidade de Górdio, ocorreu um fato marcante. Lá estava a carruagem do rei mítico Midas, amarrada com um nó tão complicado que ninguém jamais conseguira desatá-lo. O desafio imposto dizia que quem conseguisse realizar tal façanha se tornaria o senhor da Ásia. Alexandre analisou o nó cuidadosamente, refletindo sobre como poderia desatá-lo. Então, sem vislumbrar uma saída, sem receio sacou a espada e o partiu em um só golpe. Era o prenúncio de que, de fato, seria o senhor da Ásia.

No ano de 333 a.C., no mês de novembro, na cidade de Issos, Alexandre encontrou o rei persa Dario III pela primeira vez no campo de batalha. O exército macedônio atacou os persas de surpresa, e o rei persa Dario III não teve alternativa senão fugir para a Babilônia, deixando para trás a família num acampamento real, inclusive a mãe e a mulher, as quais foram presas por Alexandre. Ao encontrar a família do inimigo, o conquistador macedônio as tratou muito bem: garantiu que seriam tratadas como rainhas e não permitiu que alguém as desrespeitasse.

Depois da vitória em Issos, Alexandre dá continuidade à ocupação sistemática da fronteira mediterrânea. Sua intenção era privar a Pérsia de seu acesso ao mar. Então, avançando ainda mais no Império Persa, o líder macedônio seguiu para a Fenícia (atual Líbano). As cidades conquistadas recebiam os macedônios como libertadores. Tiro, entretanto, foi uma exceção. Era a principal cidade fenícia, situada numa ilha, protegida por gigantescas muralhas e considerada inconquistável. As tropas de Alexandre, após oito meses e várias tentativas de



Representação de Alexandre desfazendo o nó Górdio, pintura de Jean-Simon Berthélemy.

conquista, derrubaram seus muros. A cidade foi invadida, e 8 mil dos seus habitantes foram mortos (2 mil deles foram crucificados). Outros 30 mil acabaram vendidos como escravos.

O poderio dos macedônios impressionou Dario. Este fez proposta de paz e de pagamento de resgate para libertar seus parentes das mãos de Alexandre, mas não obteve retorno.

Do litoral fenício, Alexandre e seus homens seguiram para o Egito, no nordeste da África. Ali foram recebidos como libertadores, pois os egípcios eram dominados pelos persas havia dois séculos. Alexandre foi saudado como filho do deus Amon (deus egípcio associado a Zeus) — o oráculo de Amon, em Siwa, na Líbia, confirmou a origem “divina” do macedônio e previu que ele conquistaria o mundo. Os sacerdotes egípcios aclamaram Alexandre como faraó — lembre que, no Egito, os faraós eram considerados deuses vivos.

Ainda no Egito, no delta do Nilo, Alexandre fundou a cidade de Alexandria.

Embora a Macedônia falasse um dialeto semelhante ao da Grécia e apresentasse muitos elementos da cultura helênica, os gregos consideravam seus “primos” do norte um povo semibárbaro. Criticavam, por exemplo, o costume macedônio de beber exageradamente. Filipe II era tido como um “beberrão”, e Alexandre, que na juventude evitava os excessos do vinho, acabou seguindo os mesmos passos do pai. Apesar disso, os governantes macedônios sempre se orgulharam de trazer “sangue grego” nas veias. Cada um em seu tempo, Filipe e Alexandre fizeram o possível para serem vistos como legítimos representantes do mundo helênico.



Moeda grego-macedônia, um exemplo da semelhança entre a Grécia e a Macedônia. Os gregos, porém, viam com desprezo seus vizinhos do norte.



Alexandre teve em Gaugamela sua mais extraordinária vitória, o que lhe possibilitou o domínio da Pérsia.

Agora sim, senhor da Ásia Menor, da Síria, da Fenícia e do Egito, Alexandre precisava finalmente finalizar a conquista da Pérsia. Alexandre ficou obcecado por capturar Dario III. “Se te consideras um rei”, escreveu para o imperador da Pérsia, “prepara-te para a luta e não fujas, pois eu te perseguirei aonde quer que fores”.

A ida de Alexandre à Fenícia e ao Egito serviu para Dario reorganizar suas forças para tentar finalmente acabar com o avanço da Macedônia. O rei da Pérsia imaginava que poderia reverter aquela situação numa grande e decisiva batalha. Para isso, escolheu o local adequado para o confronto. Ocorreu, então, uma das mais famosas batalhas da História, a **Batalha de Gaugamela** (que significa *casa do camelo*), na Mesopotâmia, possivelmente no norte do atual Iraque, em 331 a.C.



Hieróglifos sobre Alexandre, o Grande. Alexandre ficou muito popular no Egito por ter livrado esse país da dominação persa.

Bem antes do confronto entre Dario III e Alexandre, os persas já haviam travado várias guerras contra os gregos. Foram as chamadas **Guerras Médicas** (os helenos chamavam os persas de medos). Foram três guerras, todas vencidas pelos gregos. E o que explica esse confronto? Primeiramente, o expansionismo militar persa em direção à Grécia. Os persas tinham o maior império do mundo, dominando um território que ia até a Índia. O rei persa Dario I resolveu voltar suas conquistas para o Ocidente, precisamente para a Europa e para os gregos. Lógico que os gregos não acharam nada engraçadas as pretensões do Império Persa e resistiram bravamente, daí as guerras.

Outro fator que impulsionou os confrontos foi a disputa pelo comércio na porção leste (oriental) do Mar Mediterrâneo, especialmente do trigo produzido no litoral do Mar Negro — os persas favoreciam aos fenícios (que estavam sob o domínio deles), prejudicando os gregos.

Assim, quando os persas dominaram algumas colônias gregas na Ásia Menor, Atenas enviou navios e tropas para combater os conquistadores. Furioso, Dario decidiu atacar diretamente Atenas com um poderoso exército (Primeira Guerra Médica). Os persas, contudo, acabaram derrotados pelos helenos na famosa **Batalha de Maratona** (490 a.C.).

Dario I organizou uma nova invasão, mas não teve tempo de realizá-la, pois veio a falecer antes. Seu filho, Xerxes, então, realizou o novo ataque (Segunda Guerra Médica), mas não teve sucesso. Lideradas por Esparta, as pólis gregas, apesar de suas rivalidades, tinham firmado uma aliança para enfrentar

os invasores. Xerxes derrotou os espartanos no Desfiladeiro das Termópilas, onde o rei de Esparta, Leônidas, lutou desesperadamente para conter o avanço persa. Conta-se que, com apenas 7 mil homens, Leônidas enfrentou os 200 mil soldados inimigos (um número possivelmente exagerado). Leônidas resistiu por dois dias e só foi vencido à custa de uma traição. Em troca de favores, um morador das redondezas contou a Xerxes que havia uma trilha que terminava exatamente atrás da muralha que servia de proteção para os gregos. Mesmo sabendo da traição, o rei espartano decidiu resistir com 300 soldados, dando tempo para que o resto de seu exército se retirasse em segurança. Na batalha final, Leônidas também caiu. Os persas, depois, foram derrotados mais uma vez, na **Batalha Naval de Salamina** e na **Batalha de Plateia** (479 a.C.).

O confronto entre gregos e persas, especialmente a Batalha das Termópilas, serviu de base para uma história em quadrinhos, *Os 300 de Esparta* (Editora Dark Horse), de Frank Miller e Lynn Varley, lançada em 1998. A revista foi adaptada para o cinema em 2007.



Reprodução

Dois arqueiros medos, representados no palácio real de Dario I em Susa.

Dario III montou um gigantesco exército para a batalha. Conhecia bem o terreno, tinha vários carros de guerra e muitas armas e mantimentos. Fontes históricas da Antiguidade informam que a cavalaria persa tinha de 40 mil a 200 mil homens, enquanto a infantaria apresentava de 200 mil a 1 milhão de homens, afora 15 elefantes, usados nas batalhas mais ou menos como os atuais tanques de guerra. As forças macedônias não passavam de 7 mil cavaleiros e 40 mil homens de infantaria. Os persas apresentavam, ainda, carruagens com rodas, cujos eixos tinham lâminas pontiagudas (quando as carruagens corriam, essas lâminas giravam com as rodas e cortavam os inimigos que estivessem no caminho). Provavelmente, há grande exagero nesses números, para aumentar ainda mais o heroísmo de Alexandre e a grandeza de suas vitórias. No mundo antigo, era muito difícil organizar um exército desse tamanho, devido à dificuldade de locomoção e abastecimento de comida e água. De qualquer forma, os historiadores concordam que o exército persa era bem superior.

Dario ainda tentou um acordo para evitar o confronto. Propôs dar aos macedônios todas as terras ao leste do Rio Eufrates e a mão de uma de suas filhas em casamento. Alexandre não

aceitou acordo algum. Sua confiança na vitória aumentou ainda mais quando aconteceu um eclipse total da Lua, que, segundo os videntes de sua corte, era um presságio favorável dos deuses ao triunfo da Macedônia.

Os dois exércitos se posicionaram frente a frente. Dario permaneceu no centro das suas tropas, protegido pela guarda real. Alexandre, montado em Bucéfalo, ficou de um lado para o outro, proferindo palavras motivadoras. Em pouco, seguidas por soldados a pé, as cavalarias se lançaram ao ataque, em grande confusão e gritaria. Em meio a lanças, espadas, flechas, sangue, mortes e muita poeira, Alexandre mandou uma parte da tropa desviar para a esquerda, sendo esta perseguida pelos inimigos. Assim, abriu-se uma brecha no centro do exército persa, deixando mais vulnerável a posição de Dario. Alexandre viu ali uma chance de matar o rei e vencer logo a batalha. Então cavalgou em disparada na direção de Dario e lhe atirou uma lança. Embora muitos soldados persas tenham imaginado que seu rei morrera, Alexandre errou o alvo. O pânico e a desorganização tomaram conta das tropas persas. Diante da situação, sem soldados e exposto, Dario III viu-se obrigado a fugir.



A Batalha de Issos foi um tema muito utilizado por pintores, como Jan Brueghel, the Elder, na imagem abaixo.

Alexandre tornou-se um homem baixinho (tinha algo em torno de 1,50 m de altura), de pele clara e cabelos loiros e encaracolados, com feições belas e voz forte. Sua liderança era inquestionável, e o desejo de conquista o levou a formar um dos maiores impérios da humanidade. Era um gênio militar, capaz de criar estratégias brilhantes e de não pedir aos seus soldados o que não pudessem fazer. Conversava com eles, motivando-os,

preocupava-se com os feridos, chamava-os pelo nome.

Outro traço de sua personalidade era a superstição. Acreditava que uma força oculta o guiava, ajudando-o nas batalhas. Como todos os grandes conquistadores da História, ao longo de suas andanças consultava oráculos, videntes e realizava sacrifícios aos deuses. Sentia-se plenamente confiante em sua competência e na qualidade de seu exército.



Alexandre e o cavalo Bucéfalo. Na verdade, o Grande era baixinho. Imagem do sarcófago de Alexandre do Museu Arqueológico de Istambul.

Não se sabe quantas pessoas morreram no confronto. As duvidosas fontes da Antiguidade falam em apenas 500 macedônios mortos, contra 40 mil persas. Sejam esses números verdadeiros ou não, a Batalha de Gaugamela foi um duro golpe para Dario III, que pouco depois seria assassinado, traído por membros da própria corte que pre-

tendiam agradecer Alexandre. Obcecado por capturar Dario vivo, quando soube da morte do rei persa o conquistador macedônio ficou furioso com o sucedido. Então resgatou o cadáver de Dario, deu-lhe um enterro suntuoso e mandou capturar e matar o assassino. Com a morte do rei persa, Alexandre se proclamou seu herdeiro.

Em pouco tempo, o outrora poderoso Império Persa foi anexado a um império mais poderoso ainda, o Macedônio. O exército macedônio conquistou a cidade da Babilônia, onde Alexandre foi mais uma vez recebido como libertador e herói, e, a seguir, Persépolis (uma das capitais da Pérsia), sem resistência alguma. Em meio às comemorações, o imperador mandou incendiar Persépolis, para vingar a destruição de Atenas pelos persas, ocorrida havia mais de 150 anos.

Alexandre se proclamou rei das quatro partes do mundo e se apoderou do tesouro de Dario III, incontável riqueza acumulada durante dois séculos e uma fabulosa quantidade de moedas. Com essa fortuna, ele pôde dar continuidade à sua alucinante necessidade de conquistas.

Preconceito ou exagero, os macedônios ficaram conhecidos como grandes bebedores de vinho. Após as vitórias ou quando podiam, realizavam o chamado *symposium*, ou seja, uma festa movida a muito vinho. Enquanto os gregos tinham o hábito de misturar o vinho com água, para diminuir os efeitos do álcool, os macedônios bebiam vinho puro. Foi numa dessas festas, em 328 a.C., que Alexandre, bêbado, discutiu com um de seus melhores generais, Cleitus, oficial que salvara sua vida anos antes numa batalha, e acabou matando-o com uma lança. Em seguida, arrependido do que fizera, e para surpresa dos presentes, Alexandre tentou cometer suicídio. Foi contido, mas nunca se perdoou pela estupidez que havia praticado.

Assim, depois da conquista da Pérsia, os objetivos expansionistas de Alexandre se voltaram para o Oriente, para uma região além das fronteiras persas e que os mapas gregos da época chamavam de “terra incógnita”, a Índia. As tropas macedônias, porém, relutaram em seguir adiante. Temiam o desconhecido e estavam cansadas e com saudades da terra natal (já lutavam havia oito anos). Além disso, os novos comportamentos de Alexandre passaram a incomodar gregos e macedônios. O imperador começou a favorecer cada vez mais os súditos persas e a imitar muitos de seus costumes. Ele até incluiu alguns deles em seu círculo de amigos, entregou a administração de províncias a antigos funcionários de Dario III e passou a usar tecidos luxuosos orientais (os gregos consideravam isso um sinal de fraqueza e insignificância). Alexandre também estimulou o casamento entre seus oficiais e mulheres asiáticas — ele próprio casou-se com uma nobre afegã, a bela Roxana.



Alexandre no palácio em Persépolis, pintura de G. Simoni.

O imperador macedônio começou a se comportar como um monarca absoluto. Alexandre criou em sua corte a cerimônia da *proskynesis* (prostração), um gesto de humildade em que o súdito se curvava perante o soberano. Entre os persas, esse ritual não passava de uma mostra de respeito. Para os gregos e macedônios, era uma humilhação. Muitos gregos e macedônios acusavam o rei de estar se afeiçoando perigosamente aos “bárbaros orientais”.

No fundo, Alexandre passara a conhecer melhor e respeitar os persas, valorizando sua coragem e eficiência administrativa. Afora isso, certamente agradava ao líder macedônio o fato de ser tratado como um soberano supremo, rei dos reis. Inteligente, ele sabia que, para governar um império gigantesco, era necessário ganhar o coração dos súditos e estabelecer uma unidade cultural, política e econômica nos domínios.



Alexandre e Roxana. Pintura de Pietro Rotari.

A sua sólida formação cultural permitiu ao imperador macedônio uma ampla visão do mundo e dos povos. Uma das características de seu governo, quando conquistou um império gigantesco, que ia do Egito à Índia, foi o respeito e a tolerância aos costumes, à língua e à religião dos povos conquistados. Com o tempo, ele percebeu que somente a harmonia e a cultura poderiam manter “unidos” povos tão diferentes. Os historiadores, em geral, concordam que esse pen-

samento só foi possível devido à educação que Alexandre recebeu, principalmente de Aristóteles. Sua formação fez com que ele se tornasse um verdadeiro intelectual. Habilidade com as palavras, ele podia discorrer sobre uma infinidade de temas e tinha uma extraordinária capacidade de liderança.

Foi visando à harmônica convivência que ele também procurou conservar e readaptar as cidades conquistadas, assim como agregar líderes vencidos à administração de seu império.



Pintura do século XVI de Alexandre, o Grande, sendo mergulhado num rio em uma redoma de vidro.

A orientalização de Alexandre provocou rancor entre os macedônios, e a tensão passou a ser disseminada pela corte e entre auxiliares. Murmúrios de descontentamento circulavam entre as tropas, e o rei passou a sentir a solidão do poder. Desconfiado e chateado, bebia cada vez mais, via inimigos por todos os lados e tratava impiedosamente os suspeitos de traição. Foi, aliás, a atenção dada aos “bárbaros orientais” o motivo da insatisfação do seu amigo e general Cleitus, que foi punido com a morte.

Apesar dos protestos dos soldados e dos oficiais, Alexandre não mudou seu objetivo de prosseguir com a expansão macedônia. No

ano seguinte à conquista da Pérsia, contrariando a todos ele partiu para conquistar os limites do mundo. A glória o esperava na Índia. Tinha curiosidade pelo Continente das Flores, como os indianos chamavam sua terra, pelos sábios, pela teoria da reencarnação, pela beleza dos rubis e das sedas e pela miséria contrastando com o luxo ostensivo dos palácios dos rajás (governantes locais). As fantásticas lendas cativavam sua atenção, além da beleza fabulosa daquele lugar remotíssimo, repleto de mistérios e com geografia imprecisa. Diziam que, para além da Índia, estendia-se o Oceano Exterior, uma gigantesca massa de água que demarcava os limites da Terra.

Ao que parece, o conquistador sabia que o subcontinente indiano se dividia em centenas de reinos rivais entre si, com religiões diferentes e hostis. Era um lugar fascinante para um guerreiro arrojado e determinado como ele.

Durante três anos, Alexandre submeteu as satrapias da Bactria e da Sogdiana (hoje Uzbequistão e Afeganistão). A trajetória foi marcante. O exército macedônio travou duras batalhas e enfrentou doenças, chuvas, calor e neve, resultado do deserto inóspito e das baixíssimas temperaturas das montanhas da Ásia Central. Na Índia, venceu uma das batalhas mais sangrentas da História, contra o rajá Porus, em 326 a.C., às margens do Rio Hidaspes (hoje Jhelum, na Caxemira, região disputada pela Índia e pelo Paquistão). Os macedônios ficaram atônitos diante das dezenas de elefantes de batalha usados pelos indianos.

A Índia foi povoada por vários e sucessivos povos. Por volta de 2500 a.C., um povo de pele escura e origem desconhecida, os drávidas, ocupou o norte do território indiano, desenvolvendo uma primeira civilização. Havia cidades com até 30 mil habitantes.

Cerca de 1500 a.C., os arianos (ou ários), povo indo-europeu de pele clara, invadiram a Índia, usando cavalos e armas de ferro e conquistaram os drávidas. Contudo, os arianos absorveram muito da cultura drávida, nascendo daí a civilização indiana propriamente dita.

Os arianos, por serem uma população minoritária, demoraram mais de mil anos para dominar toda a Índia. O território, porém, não estava centralizado, ou seja, não tinha um único governante. Estava dividido em vários principados, uma espécie de países pequenos, governados pelos **rajás** ou **marajás** (príncipes), que ficaram famosos por levar uma vida de fartura e riqueza.

A sociedade da Índia estava dividida em **castas**, ou seja, em grupos sociais fechados e hierarquizados, em que a posição de uma pessoa estava definida desde o nascimento e não havia possibilidade de alteração. Havia castas superiores, para os ricos (uma minoria, lógico, geralmente de origem ariana) e castas inferiores, para os pobres (muitos de origem drávida).

Dessa forma, conforme a casta uma pessoa devia morar em certa área, saber com quem se casar, no que trabalhar e até o que vestir e comer, e, de jeito nenhum era permitido que as castas se misturassem. Em alguns casos, até o toque de uma pessoa de uma casta inferior era tido como uma desgraça. Esse sistema de castas se fundamentava na religião hindu.

Os hindus acreditam em reencarnação, isto é, que quando o indivíduo morre, a alma continua vivendo, indo ocupar outro corpo, de uma pessoa prestes a nascer.

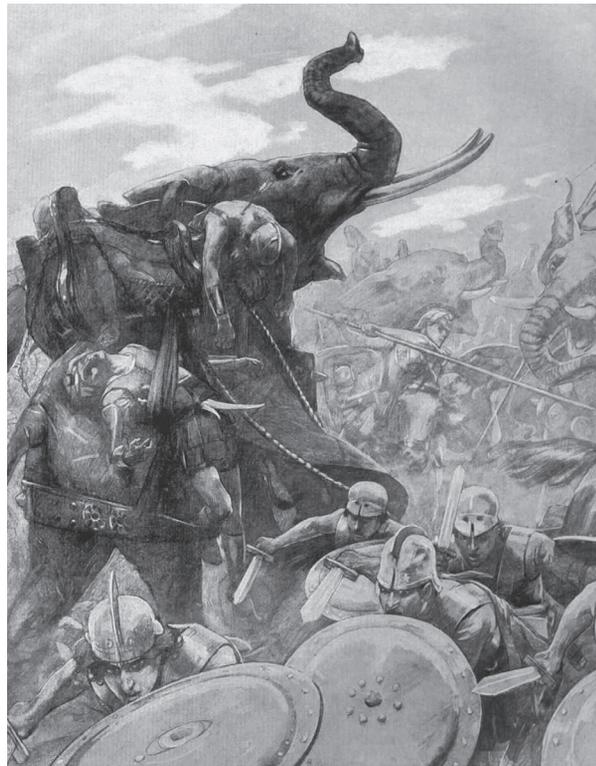
Porus enviou todos os seus homens contra os macedônios e lutou com uma disposição quase animal, sobretudo após a morte dos seus dois filhos na luta. Porus era um homem muito alto (afirma-se que tinha mais de 2 metros) e bastante corajoso. Seu exército contava com 23 mil homens, 300 carros de guerra e 85 elefantes. A luta começou sob chuva, na penumbra da madrugada, enquanto as tropas de Alexandre atravessavam o rio com água à altura do peito. Montado num elefante, Porus continuou



Uma pintura de Charles Le Brun mostrando Alexandre e Heféstion (de manto vermelho), frente a Porus, durante a Batalha de Hidaspes.

a lutar com fúria mesmo após a dispersão de quase todas as suas tropas.

Percebendo que os cavalos retrocediam diante dos elefantes, Alexandre reorganizou as tropas e atacou diretamente o rajá Porus, que, pressionado, assumiu a derrota e pediu rendição. Alexandre ficou impressionado com a bravura do rajá. Perguntado como desejava ser tratado, Porus respondeu: “Como um rei”. Alexandre atendeu ao pedido: perdoou o rajá e o manteve no poder, como um vassalo. Porus permaneceu leal ao rei da Macedônia até o fim da vida. Foi nessa batalha que morreu Bucéfalo, o célebre cavalo de Alexandre. Este mandou realizar funerais magníficos para o cavalo e fundou no local da batalha mais uma cidade, Bucefália ou Bucéfala (hoje Jalalpur, no estado indiano de Uttar Pradesh).



O exército do rei Porus, sendo atacado pela falange macedônia.



Alexandre e Bucéfalo em detalhe de mosaico representando a Batalha de Issus.

Dizem que Alexandre não teria sido tão grande assim se não fosse a ajuda de um “amigo” inseparável: o cavalo Bucéfalo. Segundo a tradição, o cavalo era famoso por não deixar que ninguém o montasse. Bucéfalo acompanhou Alexandre por 20 anos em várias batalhas. Morreu já velho devido a ferimentos sofridos quando Alexandre lutava na Índia.



Alexandre ainda tinha a intenção de atingir o vale do Rio Ganges, entusiasmado com a vitória. Ele se preparava para avançar ainda mais no Oriente quando as tropas se amotinaram e se recusaram a dar nenhum passo a mais. Os soldados estavam afastados de casa havia muito tempo. Cheios de vitórias e de riquezas saqueadas, desejavam voltar para a Macedônia e usufruir dos ganhos dos despojos. Afora isso, a duríssima Batalha de Hidaspes havia sido um balde de água fria nos macedônios. Enfrentar aqueles elefantes todos esfriou os ânimos. Quantas outras batalhas iguais àquela teriam pela frente? Já não tinham vencido e ganhado o bastante?

Alexandre se enfureceu, mas aceitou as reivindicações. Um general, por mais brilhante que seja, sempre dependerá de seus soldados para lutar. Era, de fato, a hora de voltar para casa e administrar o grande território conquistado. Assim, ele declara Hidaspes como fronteira do seu reino e manda construir doze altares para os deuses olímpicos, onde gravou a seguinte inscrição: “Aqui se deteve Alexandre”. Então, o imperador macedônio dividiu o exército em três colunas, que seguiram por diferentes vias. Nas margens do Rio Indo, ele ordenou a construção de uma frota para levar uma coluna. Sob o comando de seu amigo Nearch, um dos principais oficiais, a frota desce



Alexandre foi um personagem ímpar na História da humanidade. Dentre os inúmeros bustos e esculturas feitos em sua homenagem, vemos este em mármore, uma cópia romana de um original helenístico. Encontra-se no Vaticano.

o Indo e segue pelo mar até o Golfo Pérsico. Enquanto isso, outras duas colunas marcham por via terrestre acompanhando o imperador. Não conhecendo bem a geografia asiática, estas duas colunas acabaram se embrenhando numa das áreas mais áridas do sul do Irã,

o Deserto da Gedrósia (atual Beluquistão). Foi uma travessia desastrosa que durou dois meses. Mais de 60 mil, dos 85 mil soldados que seguiam o conquistador perderam a vida, por doença, calor, fome e sede — perdas superiores às baixas que até então os macedônios tiveram nos campo de batalha. Em Susa, no ano de 324 a.C., as três colunas se encontram em clima de festa.

Uma pergunta interessante que você certamente deve estar se fazendo agora é por que Alexandre preferiu seguir por terra, não por mar, já que seria menos cansativa a travessia com a frota. Bem, para que você entenda isso, é preciso dizer que a participação direta dos generais nos combates e na organização dos conflitos era um fato comum na época. No século I d.C., o historiador romano Cúrcio escreveu que, no campo de batalha, Alexandre era um verdadeiro exemplo para seu exército: simultaneamente, era um comandante e combatente ativo. Além de seu papel de liderança,



Pintura de Albrecht Altdorfer, mostrando o enorme exército macedônio na Batalha de Issus, contra o Rei Dario.

Alexandre se envolvia na luta com uma bravura invejável, e sempre se encarregava de abater o rei inimigo, que se tornava para ele um verdadeiro troféu.



Ilustração mostra Alexandre atravessando os rios Tigre e Eufrates, em sua expedição ao Oriente.

No famoso *Mosaico de Alexandre*, peça encontrada no Museu de Nápoles, podemos visualizar a representação desse duplo papel, muito comum aos generais do mundo clássico ocidental. Nessa obra, Alexandre e Dario estão representados em pleno campo de batalha com grande destaque e exatamente no centro dos acontecimentos. Para um líder, era fundamental conseguir e preservar o respeito e a admiração das tropas. Na época, isso só seria possível se ele participasse ativamente das batalhas, expondo-se igualmente aos riscos da guerra. É esse papel que o historiador militar britânico John Keegan denominou “liderança heroica”: os generais da Grécia Antiga deveriam ser possuidores das qualidades dos heróis homéricos. Assim, nos textos antigos

há várias referências a ferimentos sofridos pelo conquistador mecedônio nos confrontos. No texto *As Campanhas de Alexandre*, o historiador romano Arriano narra uma ocasião em que a lança do general macedônio chegou a se partir durante a batalha do Rio Granico.

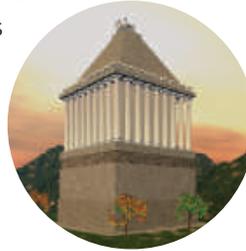
Expondo-se aos mesmos riscos que afligiam os soldados, Alexandre criava uma relação de amizade, cumplicidade e fidelidade muito forte com seu exército. Todos, portanto, estavam sujeitos aos mesmos perigos e às mesmas exigências: os conflitos exigiam muito dos combatentes, devido às intempéries, às privações e ao peso das armas e dos equipamentos. Para realizar esses esforços corporais extremos, não há dúvida de que era necessário seguir um líder inspirador.



Mosaico de Alexandre.

O Mausoléu de Halicarnassus

O Mausoléu de Halicarnassus foi um suntuoso túmulo construído por ordem da Rainha Artemísia II de Cária para conter os restos mortais de seu irmão e marido, o Rei Mausolo, em 353 a.C. A obra ficou intacta por séculos, até que uma série de terremotos fez com que ruísse, por volta de 334 d.C. Alguns de seus vestígios encontrados estão no Museu Britânico, em Londres, e em Bodrum, na Turquia. A palavra *mausoléu* é derivada de *Mausolo*.



O Colosso de Rhodes

Era uma enorme estátua do deus grego Hélios, colocada na entrada marítima da ilha grega de Rhodes. O Colosso de Rhodes foi finalizado em 280 a.C., tendo 30 metros de altura e setenta toneladas de bronze, de modo que qualquer barco que adentrasse ao porto da ilha passaria entre suas pernas. Na sua mão direita existia um farol que guiava as embarcações à noite. Ficou intacto por apenas 55 anos, ruindo com um terremoto que a jogou no fundo do mar.



O Templo de Artemis (Diana)

Localizado em Éfeso, atual Turquia, o templo foi construído em 550 a.C. para a deusa grega da caça e protetora dos animais selvagens, sendo o maior templo do mundo antigo. O santuário foi destruído e reconstruído várias vezes no mesmo lugar, um local pantanoso. O templo foi definitivamente destruído durante uma invasão gótica em 262 a.C. Com o tempo, o mar invadiu toda a região, e hoje no local resta apenas uma coluna.



Os Jardins Suspensos da Babilônia



Foram construídos por volta de 600 a.C., às margens do Rio Eufrates, na Mesopotâmia, no sul do atual Iraque. Os jardins seriam, na verdade, montanhas artificiais feitas de tijolos de barro cozido, com terraços superpostos onde foram plantadas árvores e flores. O rei da Babilônia Nabucodonosor II os teria mandado construir em homenagem à mulher, Amitis, saudosa das montanhas do lugar onde nascera. Não se sabe quando esta construção foi destruída. Sobre as ruínas da Babilônia tem-se hoje a cidade de Al-Hillah, a 160 quilômetros de Bagdá.

A estátua de Zeus



Foi construída no século V a.C. por Fídias. Produzida em ouro e marfim e ornada com pedras preciosas, a estátua possuía aproximadamente 12 metros de altura. Após 800 anos foi levada para Constantinopla (hoje Istambul, Turquia), onde se acredita ter sido destruída em 462 d.C. por um terremoto.

As pirâmides do Egito



A única das sete maravilhas que existe até hoje, as pirâmides têm cerca de 4.500 anos e levaram em média de 10 a 30 anos para serem erguidas. Situadas em Gizé, próximas à capital Cairo, as três pirâmides (Quéops, Quéfren e Miquerinos) foram construídas como tumbas reais para os faraós Khufu (Quéops), Quéfren, e Menkaure (pai, filho e neto).

O Farol de Alexandria



O Farol de Alexandria durou vinte anos para ser construído e se tornou a mais alta construção existente, superado apenas pelas pirâmides do Egito. Estudos indicam que o farol desapareceu devido a um terremoto, e seus restos encontram-se no fundo do mar.

Alexandre fixou a capital de seu império na Babilônia depois de regressar da longa viagem ao Oriente. Mas ainda planejava novas campanhas militares, mesmo cansado, de físico e de mente, afinal passara 10

anos lutando. Em 324 a.C., sofreu um duro golpe: seu grande amigo Heféstion faleceu por excesso de bebida. O fato deixou o conquistador profundamente abalado.

Alexandre teve três esposas e várias amantes. Casou-se com a primeira mulher aos 27 anos. O nome dela era Roxana, princesa do que hoje é o Afeganistão, e tida como a “mulher mais bela da Ásia”. Alexandre a conheceu quando invadiu sua cidade, Bactria, e tomou o castelo de seu pai. A cerimônia de casamento foi realizada conforme a tradição iraniana em 327 a.C. Roxana acompanhou Alexandre até a Índia e deu-lhe um filho, Alexandre IV, que nasceu seis meses após a morte do conquistador. Tanto ela como o herdeiro foram mortos, alvo das conspirações e lutas pelo trono da Macedônia.



Gravura representando o casamento de Alexandre com Stateira.

Alexandre se casou também com a princesa persa Stateira II, filha de Dario III, e com Parisatis, filha de um oficial. De suas amantes, a mais conhecida foi Barsine, uma viúva da nobreza persa.

O homem mais poderoso do mundo foi vencido pelo vinho. Passou a promover banquetes, os quais duravam dias. Sua saúde começou a se fragilizar. Passou a ter delírios e presságios de que o fim de sua vida se aproximava.

No ano de 323 a.C., os presságios se confirmaram. Após mais um dia e uma noite de bebidas, Alexandre começou a arder de febre, sendo acamado. Agonzaria por alguns dias. Chegou a reunir seus generais para tentar dar um rumo ao reino. Quando lhe perguntaram

sobre quem deveria sucedê-lo, caso morresse, respondeu sussurrante: “o mais forte”. No **pôr do sol** de 13 de junho daquele ano, Alexandre, o Grande, faleceu. Para alguns, a razão foi o excesso de bebida, para outros, uma doença não diagnosticada, talvez malária ou sífilis. Há quem fale na possibilidade de o imperador ter sido envenenado.

O cadáver de Alexandre foi levado pelo general macedônio Ptolomeu para o Egito, onde foi mumificado e sepultado na cidade de Mênfis,

sendo mais tarde transferido para Alexandria. Sete séculos depois, porém, seus restos mortais desapareceram quando houve uma revolta dos cristãos (há, porém, quem afirme que os restos mortais do guerreiro encontram-se atualmente na Basílica de São Marcos, em Veneza, Itália).

A precoce morte de Alexandre não lhe permitiu indicar um sucessor. Deixou como herdeiro Alexandre IV, nascido após sua morte, filho da primeira esposa, Roxana. Esta, ao saber que a segunda esposa, Barsine, também esperava um filho, mandou assassiná-la. Enquanto o herdeiro não tinha idade suficiente para governar, o Império foi dividido entre os três principais generais de Alexandre e administrado por regentes. Tais generais, porém, começaram uma briga feroz pelo poder, com várias conspirações e mortes.

O império ficou dividido da seguinte maneira: a Macedônia (foi entregue a Antígono), a Ásia Menor (entregue a Seleuco) e o Egito

(administrado por Ptolomeu, que fundou uma dinastia cuja herdeira mais famosa foi a Rainha Cleópatra). Depois, a Macedônia se separou da Grécia e as porções orientais também conseguiram se libertar. A seguir, entre os séculos II a.C e I d.C., boa parte dos antigos territórios de Alexandre acabou sendo conquistada por outro poderoso império, o de Roma.

Duas décadas após o falecimento de Alexandre, sua família havia sido totalmente assassinada, enquanto o Império acabou se dissolvendo completamente.

Sobre Alexandre IV, pouco se sabe: foi assassinado aos 13 anos junto com a mãe por um dos regentes do Império, Cassander (filho de um general de Alexandre), que então se proclamou rei. Cassander também mandou matar Olímpia, mãe do conquistador.



Peter Probst | Shutterstock



Basílica de São Marcos em Veneza, Itália.

O mundo helenístico





Com o passar dos anos, a Macedônia foi alvo de vários conflitos até chegar à formação política dos dias de hoje. No século VI, foi conquistada pelos eslavos, e no século VII pelos búlgaros. Em 1014, ficou sob o domínio do Império Bizantino, e em 1035 passou a fazer parte do Império Otomano. Já na segunda metade do século XIX, entre os anos de 1893 e 1897, desenvolveu-se uma série de movimentos nacionalistas em favor da independência da Macedônia. Esses movimentos levaram ao grande levante macedônio ocorrido em 1903, apoiado pela Bulgária. Os turcos reprimiram violentamente o levante.

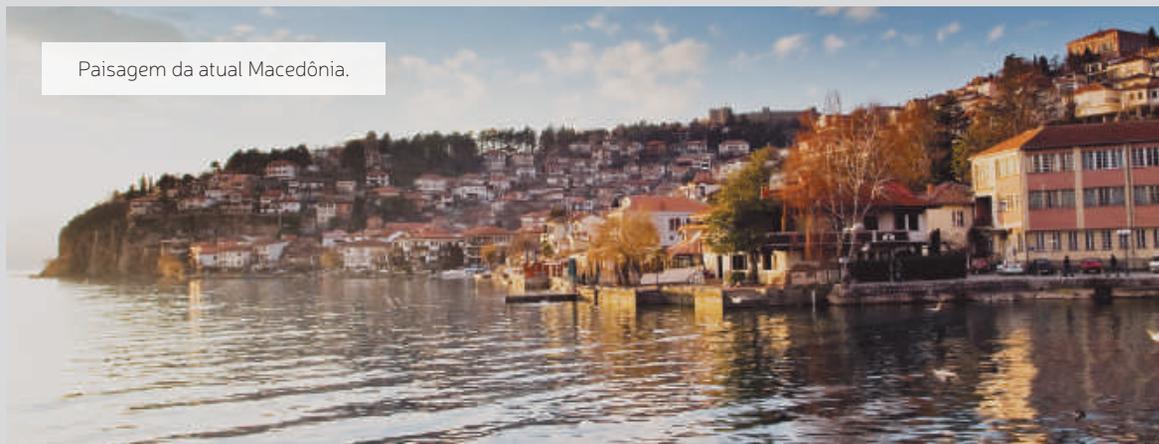
Entre 1912 e 1913, durante a Guerra dos Bálcãs, o território macedônio foi dividido entre gregos e sérvios, e entre 1919 e 1939 – período entre guerras –, a Macedônia passou a compor o reino dos sérvios, croatas e eslovenos. Já em 1945, com a criação da República Socialista Federal da Iugoslávia, a Macedônia tornou-se uma das seis repúblicas constituintes desse novo estado.

Em 1991, com a dissolução da antiga Iugoslávia, surgiu um país chamado República da Macedônia. Tal país, porém, tem pouco a ver com a antiga Macedônia, terra de Alexandre.

O uso do nome *Macedônia* ainda hoje gera polêmica. Os gregos não reconhecem o novo país, argumentando que a Macedônia antiga fica dentro de suas fronteiras e que a utilização do nome pelo vizinho é uma afronta. Para os gregos, o nome *Macedônia* é parte de seu passado cultural, tanto é que a Grécia possui uma região com esse nome. Segundo o governo grego, como essa palavra tem origem na sua língua, deveria ser usada apenas em referência ao histórico reino da Macedônia, localizado quase completamente no território da Grécia. A Bulgária e a República da Macedônia, por sua vez, designam a parte da Macedônia localizada na Grécia de Macedônia Grega ou Egeia, alegando que essa região constitui apenas uma parte do que foi o império de Alexandre, não a sua totalidade.

Apesar disso, a maior parte das organizações internacionais aceitou o nome de República da Macedônia ou, simplesmente, Macedônia.

Paisagem da atual Macedônia.



lukovic photography | Shutterstock



O gigantesco império macedônio, na verdade, não durou muito. Alegando isso, alguns detratores de Alexandre, chegaram a negar sua importância, afirmando que “nada do que ele fez permaneceu, exceto as pessoas que matou, e essas continuam mortas”.



Alexandre valorizou a cultura grega e a difundiu em todo o seu vasto império. Pintura de Sebastiano Ricci.

Seria ingenuidade acreditar que o objetivo dos atos de Alexandre fosse a fraternidade universal ou o bem-estar das nações. Na época do conquistador, a dominação em larga escala e a exploração dos conquistados eram objetivo dos governantes e das classes dominantes (seria tão diferente de hoje?).

A verdade, entretanto, é que as conquistas macedônias, impulsionadas em boa parte pela ambição e pelo orgulho de um único homem, causaram **consequências** vastas e profundas, tanto que teria dado início a uma nova etapa histórica, o Período Helenístico.

Na passagem pela África e pela Ásia, Alexandre fundou cidades, estabeleceu rotas de comércio e abriu as portas do Oriente para a cultura helênica (ou seja, para a cultura grega, do Ocidente). Gregos começaram a migrar para o mundo oriental (do mesmo modo que orientais deslocavam-se para a Grécia e a Macedônia) e metrópoles se expandiram, a exemplo de Pérgamo, Antióquia e Alexandria. Nas regiões



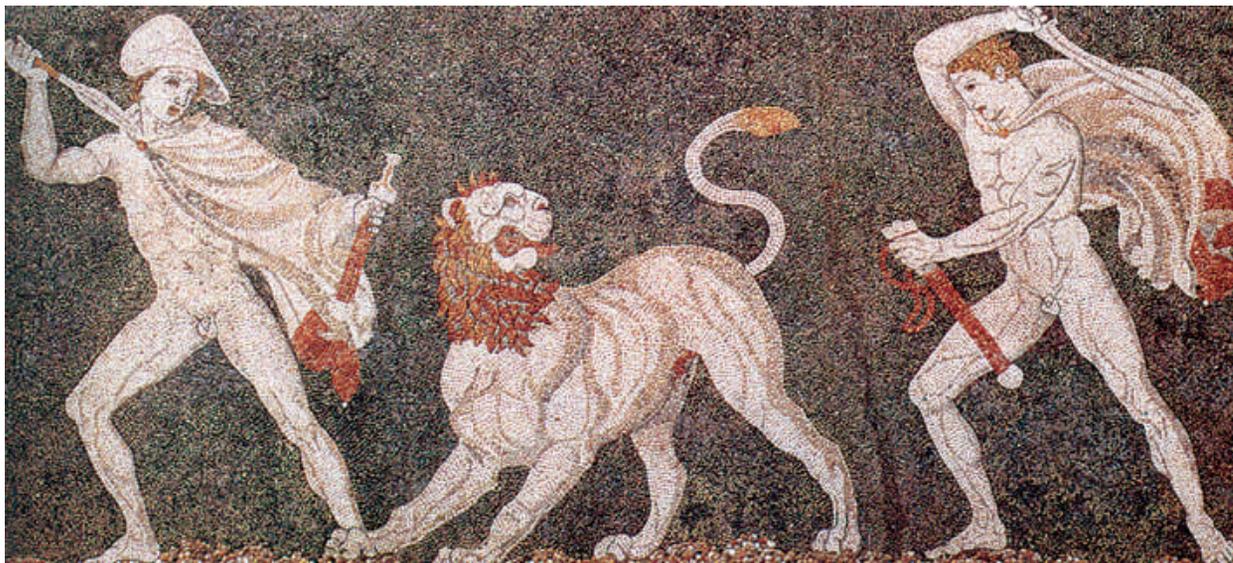
Aqui vemos Alexandre entrando na Babilônia. Pintura de Charles Le Brun.

mais distantes, governantes rodeavam-se de intelectuais e artistas (filósofos, historiadores, geógrafos, pintores, escultores, etc.), ajudando a criar novos estilos de arte e pensamentos, e dando início a um período de efervescência de conhecimentos e avanço científico.

Há quem afirme que o Período Helenístico pode ser interpretado como uma espécie de primeira globalização da História, devido à fusão entre a cultura ocidental e oriental, criando uma nova cultura.



Nesta pintura de Sebastiano Conca, vemos Alexandre no Templo de Jerusalém.



A mistura das culturas oriental e ocidental pode ser vista neste mosaico do palácio de Alexandre em Pela (hoje, na Grécia), onde está representada a caça ao leão, esporte preferido dos antigos monarcas orientais e, naquele momento, praticada por monarcas ocidentais, no caso, Alexandre.

Administrar o Império Macedônio não era tarefa fácil, devido à vastidão do território e à diversidade de povos, cada qual com seus costumes, língua, religião, etc. Sabendo das dificuldades, Alexandre baseou sua administração no objetivo de unir ocidentais (gregos, macedônios, etc.) e orientais (persas, mesopotâmicos, indianos, etc.), de modo que todos se sentissem parte do mesmo império e aceitassem o governo. O grande motivo por trás do helenismo de Alexandre era o desejo de evitar a fragmentação em seus domínios.

Para tanto, Alexandre buscou respeitar a cultura dos orientais, convocando até muitos deles para ocupar cargos da administração — isso provocou, como visto, descontentamento de macedônios e gregos, que consideravam os orientais como selvagens. Alexandre igualmente estimulou o casamento entre ocidentais e orientais, apoiou o comércio entre as diversas partes do Império, incorporou orientais no exército macedônio e fundou escolas (os chamados *gymnasiuns*, gi-

násios) para espalhar no Oriente a cultura da Grécia (língua, educação, costumes, etc.), ou seja, ele buscou helenizar as pessoas do Oriente. Essa propagação da cultura grega foi feita sobretudo a partir das cidades.

Bem, acontece que quando uma pessoa ensina algo a alguém, ela também acaba aprendendo. É uma troca cultural. Os gregos passaram um bocado de conhecimento aos povos orientais, mas absorveram várias coisas igualmente. Como vimos, o próprio Alexandre adotou alguns comportamentos orientais. Assim, o Período Helenístico foi marcado por intensas trocas entre civilizações.

As culturas orientais logo começaram a fascinar os gregos e os macedônios, mudando a cultura dos conquistadores. Deuses egípcios, como Ísis e Serápis, passaram a ser cultuados pelos gregos. Fiéis eram iniciados em novas práticas espirituais, que prometiam salvação e imortalidade da alma. Desse “caldo religioso e cultural” nasceria o cristianismo séculos depois.



Aqui vemos uma cratera de bronze dourado, mostrando a inventiva arte macedônia. Data de 330 a.C. e está decorada com cenas das bodas de Dionísio e Ariadne.

O comércio foi facilitado dentro do Império Macedônio. Povos tribais, que até então produziam apenas para seu sustento, passaram a exportar produtos para outras regiões mais ricas. Dessa maneira, o Egito e a Fenícia, por exemplo, passaram a vender mais algodão, enquanto os povos do que hoje é a Turquia exportavam mais seda. Aumentou-se a extração de ferro e cobre para produzir armas. Portos e navios maiores foram construídos, para transportar mais cargas. Estradas foram abertas para facilitar o deslocamento dos caravaneiros. Pessoas migravam em busca de novas oportunidades de trabalho, especialmente nas cidades que cresciam.

Se a Macedônia apresentava, a princípio, uma cultura parecida com a dos gregos, ocorreram mudanças em virtude da expansão militar empreendida por Alexandre. O grande trânsito de tropas e mercadores entre o Ocidente e o Oriente trouxe novos hábitos para a Macedônia.

Assim, embora a Macedônia continuasse com uma cultura majoritariamente grega, absorveu elementos culturais da Ásia Menor, do Oriente Médio e do nordeste da África, caracterizando bem o Período Helenístico.

Os macedônios, que cultuavam Zeus, Apolo e outros deuses gregos, passaram também a praticar rituais de outras religiões, a exemplo do zoroastrismo persa. O próprio Alexandre adotou crenças do Egito, ao ser declarado faraó.



A ação naval das tropas macedônias durante o cerco a Tiro (Egito). Gravura de Andre Castaigne.

Ao lado das simples casas (retangulares, feitas de tijolos e madeira, com cômodos separados para homens e mulheres) existentes nas cidades da Macedônia, surgiram luxuosas residências, com dois andares, decoradas com mosaicos coloridos e mármore. À dieta macedônia, até então baseada no consumo de muitos cereais, azeitonas, figos, passas, uvas, maçãs, vinho, aves e

carneiros, os orientais acrescentaram novos ingredientes (como o açafrão), frutas (como limão e romã) e sementes (como o pistache).

Vale lembrar, por outro lado, que o contato com os orientais também trouxe várias doenças até então desconhecidas na Europa, a exemplo da malária, que foi apontada com uma das possíveis causas da morte de Alexandre.

E como podemos caracterizar essa nova cultura, que foi difundida sobretudo através de cidades como Alexandria, Pérgamo e Antióquia? A cultura helenística, apesar das origens grega e oriental, foi original em vários aspectos. Baseou-se no politeísmo religioso e na tolerância de todos os cultos, ainda que tenha havido alguma perseguição aos seguidores do zoroastrismo, religião persa. O grego tornou-se a língua dominante especialmente entre as elites e os cultos. A escultura e a pintura se tornaram ainda mais realistas (grande preocupação com a anatomia humana), exprimindo a sensualidade, a violência e a dor numa visão pessimista. Na arquitetura, tivemos construções grandiosas e luxuosas, a exemplo do Farol de Alexandria e o Colosso de Rhodes (estátua de Apolo).

Houve no Helenismo um grande progresso das ciências. **Ptolomeu** destacou-se na Astronomia, com o sistema geocêntrico, segundo o qual o Sol girava em torno da Terra e que foi aceito durante séculos como verdadeiro. Entretanto, outro pensador — Aristarcos de

Samos — afirmou exatamente o contrário: a Terra gira em torno do próprio eixo e faz uma rota em torno do Sol (tal teoria seria provada séculos depois, com o heliocentrismo, de Copérnico).



Alexandre foi retratado tanto de maneira oriental (imagem à direita) como de modo ocidental clássico, como podemos observar na estátua grega (imagem à esquerda).



Exemplo da escultura helenística, o *Laocoonte*, esculpido em mármore, hoje em dia está exposto no Museu do Vaticano, em Roma.

Na Geografia, tivemos **Eratóstenes**, que calculou com precisão a medida da circunferência da Terra. **Euclides** e **Arquimedes** estabeleceram princípios básicos da Matemática/Geometria e da Física.

Na política, os ideais democráticos gregos acabaram, passando a prevalecer o **despotismo oriental**, no qual a autoridade dos governantes era máxima e inquestionável. Também passou a prevalecer o **cosmopolitanismo**, ou seja, em vez de pertencerem a uma única cidade ou nação, as pessoas pertenciam a um império grande, com diversidades culturais.

Na Filosofia, em vez do otimismo grego, passou a existir um clima de incerteza, dúvida e materialismo (ou seja, negação dos valores religiosos). Surgiram correntes filosóficas como o **Estoicismo**, o **Epicurismo** e o **Ceticismo**.

Tanto conhecimento podia ser obtido não só nos ginásios e nas academias gregas, mas igualmente nas bibliotecas. A educação passou a ser ministrada também a crianças pobres e, grande novidade, às mulheres (na Grécia, as mulheres não frequentavam escolas), o que fez surgir as primeiras poetisas e pintoras.

O **Estoicismo** foi criado no século III a.C. por Zenão de Cítio, defendendo a indiferença à dor, aos males e às agruras da vida. **Estoico** quer dizer *aquele que tem uma fortaleza de ânimo e que é impassível, imperturbável e insensível*. Os estoicos propõem viver conforme as leis da natureza e aconselham a indiferença em relação a tudo que é externo ao ser. O homem sábio deve obedecer as leis naturais, reconhecendo-se como uma peça na grande ordem e no propósito do Universo.

O **Epicurismo** foi fundado por Epicuro de Samos, filósofo ateniense do século IV a.C. Epicuro defendia uma vida de contínuo prazer como chave para a felicidade. O prazer era sinônimo de ausência de dor ou de qualquer tipo de aflição.

O **Ceticismo** dizia que não se pode obter nenhuma certeza a respeito da verdade, o que implica numa condição intelectual de dúvida permanente. Um de seus primeiros defensores foi Pirro de Élis, que viajou até a Índia numa das campanhas de Alexandre para aprofundar seus estudos, e propôs a adoção da Filosofia.

O **Cinismo** foi fundado por um discípulo de Sócrates, chamado Antístenes, e teve seu maior nome em Diógenes de Sinope, que conheceremos daqui a pouco. Pregava essencialmente o desapego aos bens materiais e externos. O objetivo da vida seria a **virtude moral**, que somente seria obtida através da eliminação do supérfluo. A palavra, depois, passou a ser usada como um adjetivo pejorativo, de pessoa sem pudor, indiferente ao sofrimento dos outros.

Diógenes de Sínope, filósofo cínico, viveu no século IV a.C. e ficou conhecido por atitudes que já em sua época eram tidas como excêntricas, tanto que Platão se referia a ele como um “Sócrates enlouquecido”. São inúmeros os episódios folclóricos que se contam sobre ele já na Antiguidade. Vivia dentro de um barril e costumava andar durante o dia com uma lamparina acesa. Quando lhe perguntavam o significado daquela atitude aparentemente ilógica, respondia que procurava um homem verdadeiro. Desprezava a opinião pública e seus únicos bens eram um alforje, um bastão e uma tigela.



Alexandre e Diógenes, numa das muitas representações do encontro dos dois, aqui pintado por Caspar de Crayer, do século XVII.

Aqui temos outra pintura de Alexandre visitando Diógenes, de W. Matthews.



Conta a história que ocorreu um curioso encontro entre Alexandre e Diógenes. O conquistador visitou o filósofo em Corinto. Alexandre e seus auxiliares o encontraram nos subúrbios de Corinto, ao lado do barril de argila que lhe servia de casa. Diógenes tomava sol. Com a concentração perturbada pela chegada do grupo, o filósofo abriu os olhos e encarou o conquistador macedônio sem lhe dirigir uma única palavra. Constrangido, Alexandre cumprimentou Diógenes e, ao final de um momento de silêncio, perguntou se poderia fazer alguma coisa por ele. “Oh, sim”, concordou o filósofo. “Saia daí, você está bloqueando o Sol. Não me tires o que não podes me dar”. A resposta impressionou tanto Alexandre que, no regresso da visita, ouvindo seus oficiais zombarem de Diógenes, confessou: “Se eu não fosse Alexandre, queria ser Diógenes.”



Alexandre tinha o hábito de fundar cidades com seu nome. Fez isso em pelo menos dezesseite das setenta cidades que fundou ao longo da vida. A primeira cidade foi fundada quando o conquistador tinha apenas 16 anos, Alexandroupolis, na atual Bulgária. Certamente, a cidade mais famosa é Alexandria, no Egito, criada em 331 a.C. Esta foi erguida a partir de um sonho que Alexandre teve com Homero. No sonho, Homero pediu pa ra Alexandre construir uma cidade tão grandiosa quanto suas conquistas. Além de ser núcleo do seu poder, Alexandria seria também um centro de cultura.

Alexandria foi construída sobre uma antiga aldeia de pescadores e pastores chamada Rhakotis, a Oeste do delta do Nilo, entre o mar e o Lago Mareótis. Era, sem dúvida, um lugar perfeito: ficava exatamente na encruzilhada das rotas navais, fluviais e terrestres de três continentes: Europa, África e Ásia. Dessa forma, foi a capital cultural do Helenismo, pelo menos durante três séculos, tornando-se rapidamente a maior cidade comercial do mundo.



javaman | Shutterstock



Cidade de Alexandria na atualidade.

A arquitetura de Alexandria

A tradição (bastante controversa) atribui a planificação da cidade de Alexandria ao arquiteto e urbanista Dinócrates de Rodes, o mesmo que, ao que parece, projetou a reconstrução do Artemísion de Éfeso, por ordem de Alexandre.

Duas grandes avenidas dividiam a cidade em quatro bairros principais, denominados pelas quatro primeiras letras do alfabeto grego. A artéria principal (leste-oeste), chamada Canópica, tinha 7,5 km e 30 m de largura e era ladeada por passeios. A artéria norte-sul des-

dobrava-se em duas largas áleas separadas por um renque de árvores.

A configuração da cidade era geométrica. As ruas de cada um dos seus bairros eram ortogonais. Dado o clima quente e seco característico daquela região, as ruas eram estreitas para possibilitarem mais sombra. Na realidade, não eram necessárias ruas mais largas, pois só em dias de festa a circulação era intensa. A cidade foi construída muito rapidamente, distinguindo-se das outras cidades egípcias



Knozia Pavlo | Shutterstock



Em vários locais da atual Alexandria, ainda podemos ver a forte influência ocidental (grega) nas construções, como nestas ruínas de um antigo teatro.

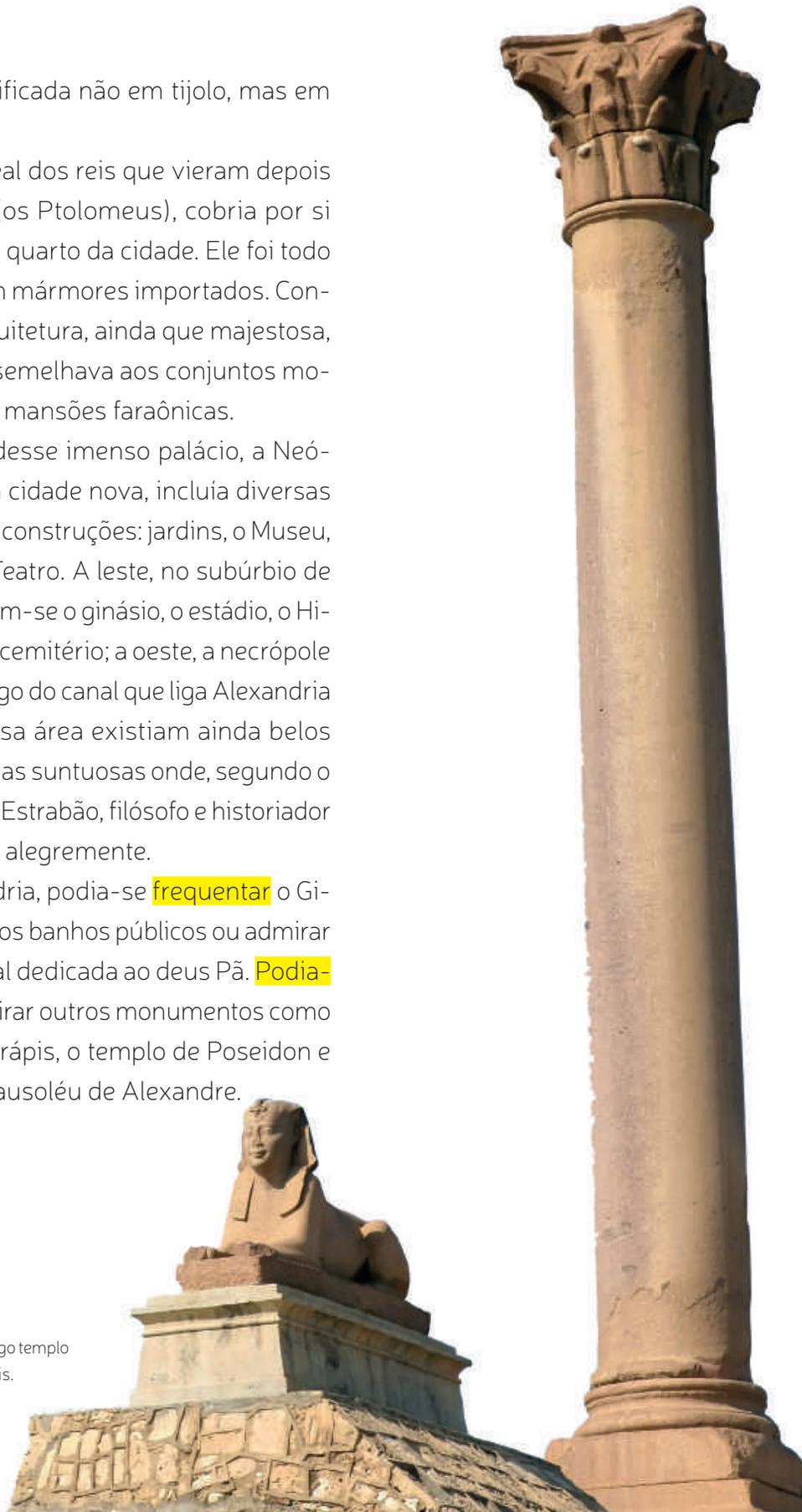
por ter sido edificada não em tijolo, mas em pedra.

O palácio real dos reis que vieram depois de Alexandre (os Ptolomeus), cobria por si só cerca de um quarto da cidade. Ele foi todo construído com mármore importado. Contudo, a sua arquitetura, ainda que majestosa, em nada se assemelhava aos conjuntos monumentais das mansões faraônicas.

Para além desse imenso palácio, a Neópolis, ou seja, a cidade nova, incluía diversas outras grandes construções: jardins, o Museu, a Biblioteca e Teatro. A leste, no subúrbio de Elêusis, situavam-se o ginásio, o estádio, o Hipódromo e um cemitério; a oeste, a necrópole principal ao longo do canal que liga Alexandria a Canopo. Nessa área existiam ainda belos jardins e moradas suntuosas onde, segundo o testemunho de Estrabão, filósofo e historiador grego, vivia-se alegremente.

Em Alexandria, podia-se frequentar o Ginásio, os diversos banhos públicos ou admirar a colina artificial dedicada ao deus Pã. Podia-se, ainda, admirar outros monumentos como o templo de Serápis, o templo de Poseidon e o grandioso mausoléu de Alexandre.

O pilar de Pompeu, antigo templo do deus egípcio Serápis.



A vida em Alexandria

Segundo um testemunho de Estrabão, a cidade tinha, no início da era cristã, mais de 1 milhão de habitantes. Era a cidade mais povoada do mundo. No interior da sua cerca, construíram-se casas de vários andares (as casas-torre que nós conhecemos hoje através de mosaicos). Havia, inclusive, casas para alugar, com apartamentos, o que nunca acontecera antes em nenhuma cidade grega.

Era grande a preocupação com o conforto e com a limpeza. Por exemplo, a água era distribuída por uma rede cerrada de canalizações ligada ao canal que trazia água do Nilo.

A cidade administrava a si própria, pelo menos aparentemente. Conhecem-se duas **assembleias**: a *boulê*, criada por Alexandre, e a *ekklesia*. O magistrado mais importante era o ginasiarca, representante dos cidadãos e defensor das liberdades.

A vida em Alexandria era animada, barulhenta e frenética. Ali eram possíveis todos os prazeres, mesmo os menos inocentes. O povo era turbulento. O seu espírito de revolta teve bastantes oportunidades de se manifestar durante diversas brigas dinásticas.



javaman | Shutterstock



Porto do atual de Alexandria.

O Porto de Alexandria

Para fazer de Alexandria um centro de comércio de primeira grandeza, foi necessário dotar a cidade com as estruturas e os aperfeiçoamentos necessários. Como o porto da cidade não era satisfatório, Alexandre mandou construir um porto artificial entre a costa e a Ilha de Faros, que se encontrava aproximadamente a 1.000 m da margem. Essa ilha foi unida ao continente através de um paredão, o Heptaestádio (um dique com sete estádios

de comprimento, aproximadamente 1.200 m). A baía ficava, portanto, dividida em dois portos: a leste, o porto de guerra, os arsenais, os estaleiros navais e o porto pessoal do soberano. A oeste, o porto mercantil, Eunostos, que significa *bom regresso*. Duas aberturas existentes no dique permitiam aos navios passar de um porto para o outro. Este duplo porto de Alexandria foi mais tarde copiado em várias cidades helenísticas.

Farol de Alexandria

O arquiteto Sóstrato de Cnido levantou, na Ilha de Faros, o primeiro farol do mundo. Com cerca de 120 m de altura e equipado com todos os instrumentos mecânicos então conhecidos para proteção da navegação era, inclusive, capaz de efetuar previsões meteorológicas. A sua luz era alimentada por lenha resinosa, içada por máquinas hidráulicas que, por uma combinação de espelhos côncavos, se dizia ser visível a mais de 50 km de distância.

O Farol dispunha ainda de engenhos que assinalavam a passagem do Sol, a direção do vento e as horas. Estava equipado com sinais de alarme acionados a vapor que se faziam ouvir durante o mau tempo, bem como com um elevador que permitia o acesso ao cimo da torre. Possuía também um periscópio gigante, por meio do qual um vigia podia observar embarcações que se encontrassem além do horizonte aparente. Esse farol, uma das Sete Maravilhas do Mundo Antigo, foi destruído por um terremoto no século XIV.



Ilustração de Martin Heemskerck representando o Farol de Alexandria.

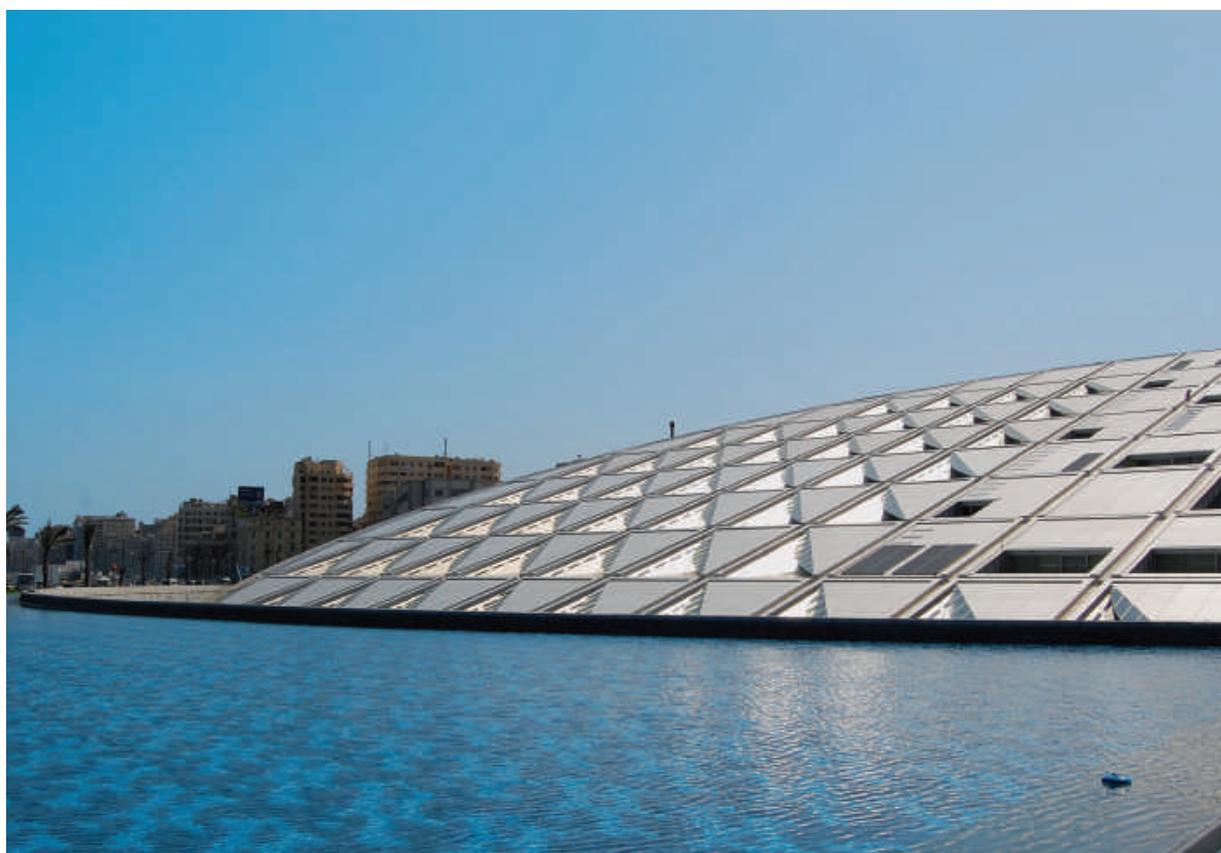
A Biblioteca

Interessado sempre em ampliar e difundir conhecimentos, Alexandre separou um espaço no museu para criar uma das maiores bibliotecas da História. Em 290 a.C., em Alexandria, foi erguida a famosa Biblioteca. Obcecado por construir o maior centro de conhecimento da época, Alexandre conseguiu reunir cerca de meio milhão de rolos de papiros, mais um grande feito do conquistador macedônio, considerando a época. Alexandre fez desse ambiente cultural seu local preferido, onde podia investigar profundamente várias disciplinas, como Medicina, Astronomia, Matemá-

tica, etc. Supõe-se que teria sido incendiada pelos romanos em 48 a.C. e que, em 646, outro incêndio a destruiu completamente. No ano de 2003, porém, houve a inauguração de um novo prédio, e a memória da Biblioteca de Alexandria foi restaurada.

Entre as cidades fundadas por Alexandre, temos ainda Herat (Alexandria Arion, no Afeganistão), Alexandroupolis (Grécia), Eskandari (Irã), Al Iskandariyah (Iraque) e Iskenderun (Turquia).

Adaptado do *site* www.educ.fc.ul.pt



Khozia Pavlo | Shutterstock



Biblioteca de Alexandria na atualidade.



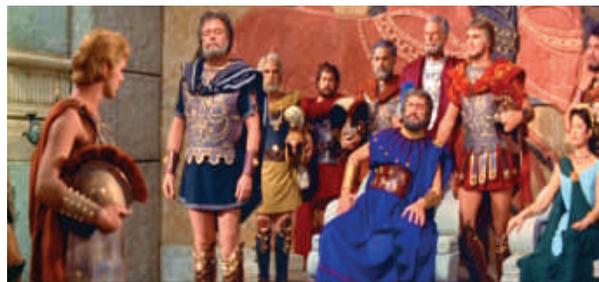
O mito em torno de Alexandre é muito grande. Diversas pessoas e líderes ao longo da História foram influenciados pelo conquistador macedônio, a exemplo do ditador romano Júlio César e do imperador francês Napoleão Bonaparte. Muitos filmes e livros foram produzidos. Em 1956, foi filmado *Alexandre, o Grande*, do diretor Robert Rossen. Na produção, hoje clássica, Alexandre (Richard Burton) é um homem perturbado pelo conflito entre a elevada sabedoria de seu professor, Aristóteles (Barry Jones), a lealdade a seu pai (Fredric March), um guerreiro, e seu próprio grandioso desígnio de dominar o mundo. Em um mundo conturbado, o jovem ambicioso ergue-se acima de todos os conflitos a fim de juntar os continentes da Europa e da Ásia e se tornar uns dos maiores e mais famosos governantes de todos os tempos.



p13 | Shutterstock

Cena do filme *Alexandre, o Grande* de Robert Rossen.

Em 2004, foi filmada uma nova produção sobre Alexandre para o cinema, dirigida por Oliver Stone e tendo o ator irlandês Colin Farrell no papel do líder macedônio. No filme, a trajetória de Alexandre é relatada por Ptolomeu a um escriba, Cadmo. O general Ptolomeu conhecia bem Alexandre. Como vimos, quando o Império foi dividido, ele ficou com o Egito. Triste, Ptolomeu ressalta que as grandes vitórias dos exércitos de Alexandre foram esquecidas e diz para Cadmo que Alexandre era um deus, ou a pessoa mais perto disso, que já vira. Apesar de o conquistador ser chamado de tirano, Ptolomeu diz que só os fortes governam e que Alexandre era mais, pois mudou o mundo. Antes dele havia tribos e depois dele tudo passou a ser possível. Surgiu a **ideia** de que o mundo poderia ser governado por um só rei. Era um império não de terras e de ouro, mas da mente, uma civilização helênica aberta a todos.



Na versão do diretor Robert Rossen, Alexandre é interpretado pelo ator Richard Burton.

No Oriente, o vasto império da Pérsia dominava quase todo o mundo conhecido. No Ocidente, as cidades-Estado gregas estavam em decadência. Os reis persas subornavam os gregos com ouro, para usá-los como mercenários. O pai de Alexandre, vivido pelo ator Val Kilmer, começou a mudar tudo isso, unindo tribos de pastores ignorantes das terras altas e baixas. Com sua coragem e seu sangue criou um exército profissional que subjuguou os traiçoeiros gregos. Então se voltou para a Pérsia, mas acabou morto. O herdeiro, Alexandre, iria vingar o pai e conquistar um império jamais visto antes.



Cena do filme *Alexandre*, de Oliver Stone.



No filme de Oliver Stone, Alexandre foi interpretado pelo ator Colin Farrell, a rainha Olímpia por Angelina Jolie e o rei Filipe II, por Val Kilmer.

O filme foi bem recebido pela crítica especializada, apesar de o público ter apontado algumas ressalvas. Stone valoriza na produção os dramas psicológicos que envolveram Alexandre, como sua relação conflituosa de competição com o pai e a reverência e ao mesmo tempo receio que demonstra em relação à personalidade da mãe.

Durante as quase três horas de duração do filme, o espectador pode ver também

boas reproduções de batalhas, dignas de um épico, como a Batalha de Gaugamela, filmada no Deserto do Marrocos, ou então o combate entre os homens de Alexandre e guerreiros auxiliados por elefantes em meio a uma floresta na Índia.

Stone trabalha na narração desde conceitos psicológicos baseados na mitologia, como o “complexo de Édipo” (sentimentos contraditórios de amor e hostilidade – metaforicamente, esse conceito é visto como amor à mãe e ódio ao pai), até a valorização da presença animal naquela sociedade: temos as cobras de Olímpia, o cavalo Bucéfalo, ursos, panteras, leões, macacos (tratados como pequenos homens pelo admirado Alexandre, ao chegar à Índia) e elefantes.

A figura de Alexandre também inspirou personagens das histórias em quadrinhos, a exemplo do que acontece na minissérie *Watchmen* (editora DC), escrita pelo inglês Alan Moore e desenhada por Dave Gibbons, em 1987. Essa história, tida por muitos como a “melhor em quadrinhos de todos os tempos” e voltada para o público adulto e juvenil, tem o personagem Ozymandias como uma metáfora de Alexandre. Na história, o mundo está à beira de uma guerra nuclear, e o medo e a insegurança tomam conta de todos. É um mundo onde existem super-heróis, mas eles foram proibidos de agir ou trabalham para o governo dos Estados Unidos. Diante da tensão de um conflito nuclear, os antigos super-heróis passam a ser assassinados por uma figura misteriosa.

Ozymandias, cuja identidade secreta é Adrian Veidt, preferiu abandonar a carreira de herói e se dedicar aos negócios. Veidt é tido como o homem mais inteligente do mundo e, quando jovem, havia aberto mão da herança dos pais para refazer o caminho percorrido por seu ídolo, Alexandre, o Grande. Depois, Adrian Veidt formou fortuna e elaborou um maquiavélico plano para salvar a humanidade.

O plano, no caso, é uma metáfora acerca de uma passagem da vida do conquistador macedônio. Segundo a tradição, nas campanhas militares Alexandre teria atingido uma cidade na Ásia Menor, Górdio, onde, como vimos, existia um nó que só poderia ser desatado pelo herói predestinado a conquistar o mundo. Essa história é lembrada por Ozymandias em *Watchmen* seu plano maquiavélico para salvar a humanidade deve ser visto como um corte drástico, uma mudança completa na maneira como os problemas são enfocados. Apenas assim, para o personagem, seria possível livrar a humanidade das guerras, da fome e da violência, em vez dos discursos vazios feitos pelos governantes.

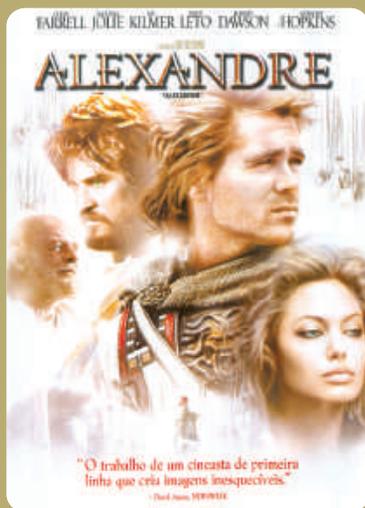
Watchmen foi adaptado para o cinema em 2009.



O personagem Ozymandias inspirado em Alexandre no filme *Watchmen*.



Personagens principais do filme *Watchmen*, inspirado nos quadinhos de mesmo nome.



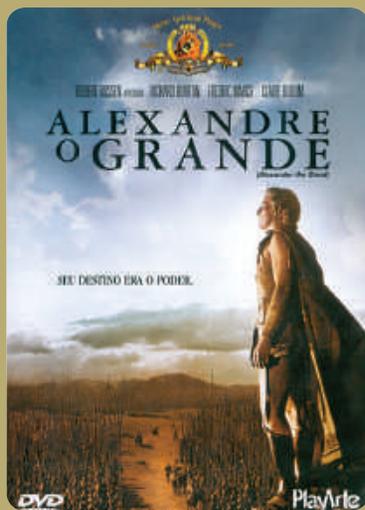
ALEXANDRE

Alexander, EUA, 2004.

Direção: Oliver Stone

Gênero: Aventura

Duração: 176 minutos



ALEXANDRE, O GRANDE

Alexander, The Great, EUA/Espanha, 1956.

Direção: Robert Rossen

Gênero: Épico / Drama

Duração: 135 minutos



WATCHMEN

Watchmen, EUA, 2009.

Direção: Zack Snyder

Gênero: Aventura

Duração: 156 minutos

CRONOLOGIA

Em Pela, nasce Alexandre, filho de Filipe II, rei da Macedônia, e de sua esposa Olímpia. No mesmo dia do nascimento, teria ocorrido o incêndio do templo de Ártemis, em Éfeso.

Alexandre enfrenta rebeliões e ordena que Tebas seja destruída, e seus habitantes, massacrados.

356 a.C.



336 a.C.



335 a.C.



Filipe II é assassinado, e Alexandre assume o trono da Macedônia.

Dario III, rei da Pérsia, é derrotado pelas tropas de Alexandre, mas consegue escapar.

333 a.C.



332 a.C.



331 a.C.



Alexandre conquista o Egito e é aclamado faraó.

Alexandre atinge Taxila (Paquistão), mas as tropas recusam-se a seguir adiante.

326 a.C.



325 a.C.



323 a.C.



Alexandre fixa a capital de seu império na Babilônia, mas ali falece precocemente aos 33 anos de idade.

As tropas macedônias atravessam o Deserto da Gedrósia. No caminho de volta para casa, milhares de soldados morrem.

Os macedônios invadem Persépolis, a principal capital persa e uma das cidades mais opulentas da Ásia. Alexandre ordena que os soldados saqueiem e queimem a cidade.

330 a.C.



328 a.C.



327 a.C.



Alexandre conquista Sogdiana e Bactria (atual Afeganistão).

Assassinato de Dario III. Os macedônios capturam o criminoso e o executam.

Bibliografia

BURNS, Edward McNall. *História da Civilização Ocidental*. São Paulo: Globo, 1996.

BURN, A.R. *Alexandre e o Império Helênico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1963.

CARTLEDGE, Paul. *Alexander, the Great*. Estados Unidos: Overlook, 2004.

COULANGES, Fustel de. *A Cidade Antiga*. São Paulo: Martin Claret, 2001.

DURANT, Will. *O Livro de Ouro dos Heróis da História*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

HAMMOND, N.G.L. *O Gênio de Alexandre, O Grande*. São Paulo: Madras, 2006.

PLUTARCO. *Vidas Paralelas: Alexandre e César*. Porto Alegre: LP&M, 2005.

RICE, Edward. *Alexandre, o Grande*. São Paulo: Nova Fronteira, 2007.

ROSTOVTZEFF, M. *História da Grécia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

Periódicos

Revista *Aventura na História*, N. 4, 15, 17, 41, 61, 66 e 68.

Revista *História Viva*, N. 40, 43 e 45.

Revista *Leitura da História*, N. 17.